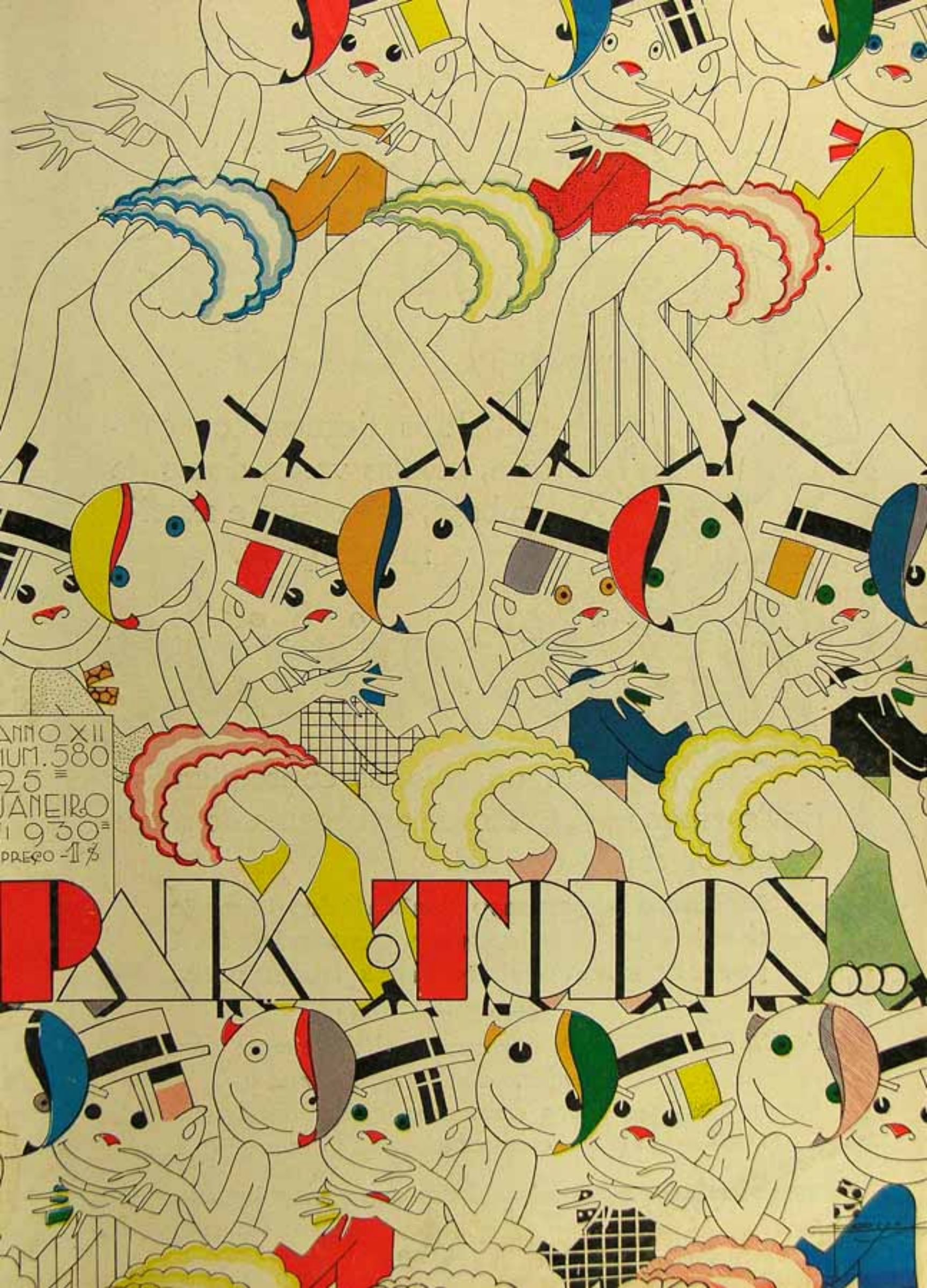




ANNO XII
M. 580
25
JANEIRO
1930
PREÇO -1%

PARTE



As fadigas dos

trabalhos domesticos cau-
sam, muitas vezes, dores de
cabeça, das costas e abati-
mento geral.

Cafiaspirina

depressa annulla as consequencias
do "surmenage", e restitue ao organismo o seu
estado de saude normal.

**Mesmo o organismo mais delicado pode
tomar esse excellente preparado BAYER
por ser elle absolutamente inoffensivo.**

A CAFIASPIRINA é recommendada contra dores de
cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e
rheumaticas, resfriados, consequencias de noites
passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.



EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

INTRODUÇÃO A SOCIOLOGIA GERAL 1º premio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch. 16\$, enc.	20\$000
TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Leitão da Cunha. Cathedratico de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35\$, enc.	40\$000
TRATADO DE OPHTALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Filho, Cathedratico de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1º e 2º tomo do 1º vol., broch. 25\$, cada tomo, enc., cada tomo,	30\$000
THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1º e 2º volumes, 1º vol. broch. 30\$000, enc. 35\$, 2º vol. broch. 25\$, enc.	30\$000
CURSO DE SIDERURGIA, pelo prof. Dr. Fer- dinando Labouirau, broch. 20\$, enc.	25\$000
FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Mi- randa (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Código Civil), broch. 25\$000, enc.	30\$000
IDÉAS FUNDAMENTAES DA MATHEMA- TICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. 16\$000, enc.	20\$000
TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch. enc.	25\$000
MANUAL PRATICO DE PHYSIOLOGIA, prof. Dr. F. Moura Campos, broch. 20\$, enc.	25\$000

LITTERATURA:

O SABIO E O ARTISTA, de Pontes de Mi- randa, edição de luxo.	16\$000
O ANEL DAS MARAVILHAS, texto e figu- ras de João do Norte.	2\$000
CASTELLOS NA AREIA, versos de Olegario Mariano.	5\$000
COCAINA..., novella de Alvaro Moreyra.	4\$000
PERFUME, versos de Onestaldo de Penafort.	5\$000
BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira de Gastão Pe- nalva.	5\$000
LEVIANA, novella do escriptor portuguez An- tonio Ferro.	5\$000
ALMA BARBARA, contos gaúchos de Alcides Maya.	5\$000
OS MIL E UM DIAS, Miss Caprice, 1 vol. broch.	7\$000
A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, Al- varo Moreyra, 1 vol. broch.	5\$000
ALMAS QUE SOFFREM, Elisabeth Bastos, 1 vol. broch.	6\$000
TODA A AMERICA, de Ronald de Carvalho.	8\$000
ESPERANÇA — epopéa brasileira de Lindolpho Xavier.	8\$000
DESDOBRAMENTO, de Maria Eugenia Celso, broch.	5\$000
CONTOS DE MALBA TAHAN, adaptação da obra do famoso escriptor arabe Ali Malba Tahan, cart.	4\$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de Areimor.	5\$000

DIDATICAS:

FORMULARIO DE THERAPEUTICA IN- FANTIL, A. A. Santos Moreira, 4ª edição.	20\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL, texto e map- pas, para os cursos primarios, por Clodomiro R. Vasconcellos, cart.	10\$000
CARTILHA, Clodomiro R. Vasconcellos, 1 vol. cart.	1\$500
CADERNO DE CONSTRUÇÕES GEOME- TRICAS, de Maria Lyra da Silva.	2\$500
QUESTOES DE ARITHMETICA theorias e praticas, livro oficialmente indicado no Col- legio Pedro II, de Cecil Thiré.	10\$000
ALONTAMENTOS DE CHIMICA GERAL — pelo Padre Leonel de Franca S. J. cart.	6\$000
LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira (2ª edi- ção)	5\$000
ANTHOLOGIA DE AUTORES BRASILEI- ROS, Heitor Pereira, 1 vol. cart.	10\$000
PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu.	3\$000

VARIAS:

O ORÇAMENTO, por Agenor de Roure, 1 vol. broch.	18\$000
OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Car- valho, 1 vol. broch.	18\$000
THEATRO DO TICO-TICO, repertorio de can- çonetas, duettos, comedias, farças, poesias, dialogos, monologos, obra fartamente illus- trada, de Eustorgio Wanderley, 1 vol. cart.	6\$000
HERNIA EM MEDICINA LEGAL, por Leonid- io Ribeiro (Dr.) 1 vol. broch.	5\$000
PROBLEMAS DO DIREITO PENAL E DE PSYCHOLOGIA CRIMINAL, Evaristo de Moraes, 1 vol. enc. 20\$, 1 vol. broch.	16\$000
CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury Medeiros (Dr.)	5\$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTAO, de Roberto Freire (Dr.)	18\$000
INDICE DOS IMPOSTOS EM 1926, de Vi- cente Piragibe.	10\$000
PROMPTUARIO DO IMPOSTO DE CONSU- MO EM 1925, de Vicente Piragibe.	6\$000
SA MATERNIDADE, pelo prof. Dr. Arnaldo de Moraes.	10\$000
ALBUM INFANTIL — collectanea de monolo- gos, poesias, lições de historia do Brasil em verso e de moral e civismo illustradas com photogravuras de creanças, original de Au- gusto Wanderley Filho, 1 vol. de 126 paginas cart.	6\$000
•	
COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.)	4\$000
BIBLIA DA SAUDE, enc.	16\$000
MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VI- DA, broch.	6\$000
EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch.	5\$000
A FADA HYGIA, enc.	4\$000
COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc.	5\$000
FORMULARIO DA BELLEZA, enc.	14\$000

DAMA DAS CAMELIAS!

A ninguém era dado saber, ali; naquella encosta de morro, porque a chamavam assim... Em redor de sua choupana havia, sim, lindas e frescas, na festa das mais verdes folhas, manchetas de rosas...

— Quer conhecê-la?

E o reporter que sempre quer conhecer, quer vêr sempre:

— Sim, como não?

Naquella encosta escaldada do morro, despovoadas e em abandono, a vegetação agreste sorria ao belo quente do sol. Já divisávamos, lá mais em cima, a descascar-se, aquella casinha miserável que avultava no impressionante contraste da riqueza que a rodeava como se mãos mysteriosas lhe enghissem a cintura com um rosario de rosas, tantas, nas mais vivas cores, a rodeavam.

— E' ali?

E o "cicerone" que nos arrastava os passos e á curiosidade:

— E'...

Na moldura da janella, uma mulata dengosa, a nota viva de uma fita encarnada

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48\$000. 6 mezes, 25\$000. Extrangeiro - 1 anno, 85\$000. 6 mezes, 45\$000. As assignaturas comecam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceltas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

no cabelo, animou o extranho quadro que nos encheu de surpresa e só não nos encheu de espanto porque o "cicerone" foi dizendo:

— E' ella mesma...

E a mulata, a mão no ar: "Pode entrarem"...

E a figura que imaginávamos com um pouco dos encantos da personagem do celebre romance desapareceu da moldura da janella para surgir na da porta, o carmin empastellado no rosto e amontoado nos labios...

O horror da desillusão que aquella "dama das camellias" nos provocara, agora que invadiamos o interior do casebre, se attenuara pela doçura e pelo encanto do ambiente, porque o perfume do jardim se derramava ali dentro e porque ali dentro em meio á maior ordem havia o maior asseio.

— Que quer de mim?

— Palavras...

E depois de nos ouvir attentamente, erguendo a cabeça, um mundo de orgulho e de vaidade nos olhos:

— "Isso de deltá entrevista prá mim é soupa! Eu já fui entrevistada quando o João Tocano metteu o ferro no abdóme do Thomé..."

— Por que a chamam todos...

"Pra quê foi feita a bocca senão pra beijá"?!....

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

Telephone Norte 4424



Superior pellica envernizada, ou preta, "typo Salomé", salto baixo: De ns. 28 a 32..... 23\$000 De ns. 33 a 40..... 26\$000 Em cor mulatinha mais 1\$000.



Fortes sapatos. Alpercatas typy collegial, em vaqueta avermelhada: De ns. 18 a 26..... 8\$000 De ns. 27 a 32..... 9\$000 De ns. 33 a 40..... 11\$000 Em preto mais 1\$000



32\$ Fina pellica envernizada, preta com fivela de metal, salto Luis XV, cubano médio. 42\$ Em fina camurça preta.



37\$ Finissimos sapatos em superior couro naco Bola de Rose, com linda combinação de pontos e furos, salto Luis XV, cubano alto.



Pellica envernizada preta, com naco, cinza ou beige, salto baixo: De ns. 28 a 32..... 25\$000 De ns. 33 a 40..... 28\$000 Todo preto menos 1\$000.



Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typy meia pulseira, com florão na gaspea: De ns. 17 a 26..... 8\$000 De ns. 27 a 32..... 10\$000 De ns. 33 a 40..... 12\$000

Catálogo correio: sapatos, mais 2\$500; alpercatas, 1\$500 em par. Em naco, beige ou cinza, mais 2\$000

Atis, pedidos a JULIO DE SOUZA — Avenida Passos, 120 — RIO

"Dama das Camélias"?

Ella riu. Baixou os olhos por um instante como a meditar e explicou:

— E' cousa desse povo.

E deixando as mãos cahir nas ancas ao mesmo tempo que seus olhos se illuminavam de um extranho fulgor:

— Eu dev'a sê dama das rosas", não acha?

— Sim, mas deve haver alguma explicação...

— E' que elles dizem que eu sou provocadora e tenho geito de prender...

— Ah!...

— Mas todos gostam de você...

— Qual o que, moço. Nem todos...

E invadida de importância:

— "As mulé toda me odeia..."

E vencida uma pausa:

— ...os home sim que me qué!..."

E, enthusiasmada:

— Ellas diz que é por causa do cheiro das minha rosa..."

— Que tem havido por causa disso?

— "Encrenca sobre encrenca. As vez chego na porta e vejo dois home que nunca vi, se matando. Acaaba a porfia e um vae prá "insistencia" e outro prá delegacia!"

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephone: Gerencia: Central 0518. Escritorio: Central 1037. Redacção: Central 1017. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

E cruzando os braços, a interrogação da phrase nos olhos tambem:

— "Pois não é que as "foia" vem dizê que aquelle crime foi por causa de mim?"

— Qual o facto que mais a emocionou até hoje?

— "Foi a Maria Queimada que tocou fogo no home della, só porque elle beijou uma frô do meu cantelero!..."

— Gosta de alguem?

Sacudindo a cabeça e revirando os olhos, respondeu:

— "Não, sim senhô..."

E, abrindo a alma numa confissão:

— "Se as vez eu digo que gosto de um é com pena pró vê elle triste por mim."

E a cabeça erguida:

— "Que me custa ãngi que gosto? Um beijo mais, um be'jo menos..."

Com muita vivacidade:

— "Cruz, prá que foi feita a bocca se não prá beija?!..."

Sacudindo os hombros:

— "Não é isso que elles qué? Elles não se julgam feliz quando a gente engana elles?"

E ante o nosso sorriso:

— "Pois é por isso mesmo que não gostou de nenhum, dizendo que gosto de

Barros Vidal

PASTA



ORIENTAL

O DENTIFRÍCIO

IDEAL

A VENDA EM TODAS AS CASAS

E NAS PERFUMARIAS LOPES

RIO - S. PAULO



Rica Capella inaugurada pelo senhor Arcebispo D. Alvaro Augusto na Fazenda Calionha, de propriedade do senhor Alberto Moraes M. Catharino, no Estado da Bahia.

EXTERNATO "ELVIRA BRANDÃO"

O antigo estabelecimento de ensino "Externato Elvira Brandão" que, graças à competência do seu corpo docente soube se impôr entre os melhores de São Paulo, inaugurou no dia 16 de Janeiro o seu novo edifício à alameda Jahú, n. 69.

Construção sobria e elegante, afóra 9 salas de aula, amplamente arejadas e batidas de sol, o Externato dispõe ainda de amplas accommodações para a directoria, sala de espera, toilettes e archivo.

O plano da construção obedeceu ao que, no genero, ha de mais moderno na Allemanha e Estados Unidos, sendo varias peças do prédio distribuidas por tres pavimentos, de quatro metros de altura cada um, ligados entre si por escadas de suave declive. Situado a duas quadras da Avenida Paulista, na encosta que verte para o Jardim America, num trecho socegado de rua, entre arterias de grande movimento, o "Externato Elvira Brandão" se acha em condições de proporcionar o maior conforto aos seus alumnos, que muito terão a lucrar em sua saúde com a salubridade do bairro.

Emparelhando tambem com tão perfeita instalação, a organização geral dos cursos, o methodo pedagogico e a disciplina do modelar instituto, mereceram especiaes carinhos da sua directoria, a cuja frente se acham as distinctas professoras Alda Brandão Caluby e Maria Angelica Grellet, auxiliadas por profissionais de reputação, diplomadas da Escola Normal de São Paulo e mais auxiliares com curso do "Externato Elvira Brandão".

GESSY

O "LEADER" DOS SABONETES

Si cada socio enviase á Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.



...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2º andar

Amôr e Felicidade

É o anêlo de todos. Saude perfeita, bellêza e vigôr, sem elles aquelle imân que attrahe os dois membros dessa união em breve perde a sua força attractiva. Se, por acaso, se sente débil, mentalmente fatigado ou nervoso, toma o Elixir "Sorèt" e verá como o vigor lhe é restaurado. O Elixir "Sorèt" não contem cantháridas nem nenhuma outra substancia semelhantemente injuriosa. É uma combinação vegetal em forma concentrada, preparada por um novo processo, por um dos maiores laboratorios do mundo. É um rejuvenescedôr que actúa directamente sobre os centros nervôso, restaurando o vigor physico e mental. Comece a tomal-o immediatamente.

Approved pela Directoria de Saúde Pública do Brasil.

O TICO-TICO

O MELHOR E O MAIS POPULAR SEMANARIO
PARA A INSTRUÇÃO DAS CRIANÇAS

A EQUITATIVA

— Estou moço e em plena saude! E' o momento justo de fazer o meu seguro de vida nas melhores condições. Assim reflecte quantos não olham, na vida apenas o instante que passa...

Olhe tambem, o leitor, o futuro. Um seguro de vida na EQUITATIVA é a maior garantia do seu socego presente, pela certeza no bem estar futuro dos que lhe são caros.

A EQUITATIVA

SORTEIOS TRIMESTRAES EM DINHEIRO

Séde provisoria:

Rua Nova do Ouvidor, 27

EDIFICIO PROPRIO

Jámais observei insucessos!

Diz o notavel Medico Dr. Alvaro Fernandes



Dr. Alvaro Fernandes

Sendo meu consultorio, nesta capital, assiduamente frequentado por numerosa clientela das zonas rurais da cidade, a qual se torna difficilissima ministrar medicação antiluetica, por via intervenenosa e intra-muscular, deliberei em taes casos, escolher um preparado pharmaceutico para uso interno, que alliasse ao exito prompto, a facilidade de aquisição e o preço moderado.

Com esse decidido objectivo, tenho constantemente indicado o ELIXIR DE NOGUEIRA, de João da Silva Silveira, acreditada e excellente manipulação de que jámais observei insucessos nas suas pre-cisas indicações clinicas.

Fortaleza (Ceará), 2 de Julho de 1925.

DR. ALVARO FERNANDES

(Firma reconhecida pelo tabellião Alex. Diogenes).



**"O Alliado
de Cupido"**

Effectivamente entre Cupido e o

Creme de Perolas de Barry

deve existir uma alliança, porque, como é sabido, todas as pessoas que o usam, chamam a attenção.

Pois bem, começa-se por chamar a attenção e termina-se no altar, recebendo-se a benção do sacerdote.

Com o Crème de Perolas de Barry, quem quer pôde aformosear a cutis num minuto.

Unicos depositarios: Soc. An. Lameiro

Rio de Janeiro



Gastão Formenti

... a voz da saudade

- 10.512 — JOÃO CAPÊTA, canção sertaneja — *Joubert de Carvalho*.
BEMZINHO DO CORAÇÃO, canção — *Ary Kerner*.
10.497 — AURORA, valsa — *Zequinha de Abreu*.
BONECA, valsa — *Mario Lopes Castro*.
10.479 — BANDEIRANTE, canção.
MINERVINA, toada sertaneja — *H. Vogeler - L. Baba - G. Menra*.
10.516 — FOI NUM DIA DE SÃO JOÃO, canção brasileira.
VONTADE... DE QUERER, canção — *Joubert de Carvalho*.
10.525 — MARVADA, modinha - canção — *Freire Junior - Gilberto Andrade*.
ZE' REYMUNDO, toada — *Jayme Ovalle - Olegario Marianno*.



CASA EDISON	CASA ODEON L. ^o
R. 7 de SETEMBRO, 90	R. SÃO BENTO, 54
R. DO OUVIDOR, 135	SÃO PAULO
RIO de JANEIRO	

O PERIGO DOS ESCARROS

Cuspir ou escarrar arbitrariamente, constitue máo habito, contrario á hygiene e proprio de pessoas que não foram educadas.

Pelo escarro que se dessecou e se incorporou ás poeiras, são transmittidos varios germens nocivos, — bacillos da tuberculose, pneumococcus, pneumobacillos, micrococcus catharralis, microbios da gripe e varios outros agentes pathogenicos.

Dahi se infere o perigo que resulta, para a saúde collectiva, do habito condemnavel de cuspir ou escarrar no interior das habitações, nas ruas e praças, no recinto dos theatros e casas de diversões, nos bondes e noutras especies de vehiculos, emfim em logares impróprios a tal mistér.

Além de anti-hygienico, o acto de escarrar, sem as necessarias precauções, indica, da parte de quem o executa, descaso pelas normas rudimentares da limpeza e falta de consideração ás pessoas presentes, que ficam obrigadas a soffrer constrangidamente a repugnancia que semelhante acto origina.

As pessoas em evidentes condições de saúde sejam as primeiras a offerecer o bom exemplo, não cuspido nem escarrando, a não ser que sobrevenha necessidade imperiosa e, assim mesmo, unicamente em logares adequados, — escarradeiras, ralos, sargetas, etc.

E os enfermos, aquelles que, por inclemencia do Destino, são portadores de micro-organismos pathogenicos, devem ter o altruismo de uma conducta nobilissima, em face das desventuras que poderão occasionar, si disseminarem por toda a parte os seus escarros, em vez de se utilizarem exclusivamente dos vasos proprios, dos lenços e escarradeiras feitas para a algibeira.

CONSULTORIO

A. M. (Uberaba) — Deve usar: tintura de cardamomo 3 grammas, tintura de genciana 4 grammas, citrato de sodio 10 grammas, xarope de hortelã 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro — meio calice de 4 em 4 horas. Depois de cada refeição principal, tome um confeito de "Choleokinas". Si, algumas horas depois da ultima refeição, apparecerem as perturbações alludidas em sua carta, use, no momento preciso, duas colheres (das de café) do "Carvão Naphtolado Granulado Fraudin", bebendo, em seguida, um pouco d'agua fria.

CONCHITA (Valença) — Use: arrhenal 50 centigrammas, gottas amargas de Beaumé 1 gramma, tintura de genciana 5 grammas, extracto fluído de guaraná 10 grammas, extracto fluído de kola 10 grammas, glicerina 30 grammas, vinho de quina 700 grammas — um pequeno calice depois de cada refeição principal. Faça, por semana, tres injeções intra-musculares com a "Seroferine".

E. C. (Rio) — Basta usar: analgerina 2 grammas, tintura de sementes de colchico 3 grammas, tintura de cabeça de negro 4 grammas, salicylato de sodio 5 grammas, agua chloroformada 15 grammas, xarope de canella 30 grammas, hydrolato de funcho 120 grammas — uma colher (das de sopa) de 3 em 3 horas.

H. P. A. (Niteroy) — Basta de purgativos! Use apenas esta medicação: tintura de eucalypto 2 grammas, benzoato de ammonio 5 grammas, l'cor de Hoffmann 8 grammas, rum 40 grammas, hydrolato de melissa 60 grammas, xarope de mentho 30 grammas — uma colher (das de sopa) de 4 em 4 horas.

MÆSINHA (Pouso Alegre) — Dê á creança alimentação muito leve — canjás, matê e leite com decocto de cevada (em partes iguaes). As lavagens intestinaes devem ser feitas com agua-boricada, tendo uma colher de glicerina. Internamente, basta usar: elixir paregorico 15 grammas, sub-azotato de bismutho 2 grammas, hydrolato de hortelã 20 grammas, xarope de ratanhia 20 grammas, infuso de ipêca branca 100 grammas — uma colher (das de sobremesa) de 3 em 3 horas.

NENE' (Florianopolis) — Use: phosphato de bismutho 2 grammas, benzo-naphtol 6 grammas, gomma arabica em pó, quantidade sufficiente para conservar em suspensão o benzo-naphtol, magnesia fluida 1 vidro — meio calice de 4 em 4 horas.

ANONYMA (Santa Theresia) — Use, pela manhã e á noite, 2 comprimidos ovaricos. Depois de cada refeição principal, tome "Peptonato de Ferro Robin" — 12 gottas num calice d'agua assucarada. Externamente, empregue: tintura de iodo recentemente preparada 20 grammas, tannino 80 grammas, glicerina neutra 300 grammas — uma colher (das de sopa) para um irrigador cheio d'agua morna, em lavagens diarias, pela manhã e á noite.

I. N. A. (São Paulo) Só o exame de sangue indicará o tratamento a seguir.

L. A. I. S. (Caravellas) — Não ha perigo. A puberdade está sujeita a semelhantes perturbações. Passadas as crises periodicas, use: arrhenal 40 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glicerina 30 grammas, xarope de proto-iodureto de ferro 300 grammas — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal. No momento de se recolher ao leito, use uma colher (das de chá) de "Sacerol" num pouco d'agua assucarada.

J. G. (Friburgo) — O menino deve aspirar, tres a quatro vezes por dia, as fumigações de alcatrão, queimado em um vaso metallico. Usará: tintura de lobelia inflata 40 gottas, tintura de drosera 1 gramma, xarope de codena 20 grammas, xarope de anglico 50 grammas, xarope de toli 50 grammas — uma colher (das de chá) de 3 em 3 horas.

DR. DURVAL DE BRITO.

MEDICOS

Dr. Armenio Borelli

Cirurgia do adulto e da creança. Chefe Interino da 3ª Enfermaria de Cirurgia da Santa Casa da Misericórdia.

Consultas: das 4 ás 6, rua Rodrigo Silva, 5 — sobrado; telephone C. 3451. Residencia: rua Senador Vergueiro, 11, teleph. B. M. 1448.

Dr. Arnaldo de Moraes

Docente da Faculdade de Medicina Da Maternidade do Hospital da Misericórdia e da Polyclinica do Rio de Janeiro.

CIRURGIA ABDOMINAL, GYNECOLOGIA E PARTOS

Consultorio: R. Assembléa, 87 (3 ás 6 horas). Teleph. Central 2604. Residencia: R. Barão de Icarahy, 28, Botafogo. Teleph. B. M. 1815.

Dr. Hernani de Irajá

Doenças nervosas — Males sexuaes — Syphilis — Plastica.

Luzes de luz. Raios ultra-violetas e infra-vermelhos. Diathermia. Alta-frequencia. Galvano-faradisação. Endoscopia. Massagens electricas por habil enfermeira. Processos rapidos para engordar ou emmagrecer. Tratamento de sinais, verrugas, cicatrizes viciosas pela electrolyse e electro coagulação. Das 2 ás 6 — Praça Floriano, 23 — 5º andar. "Casa Allemã". Phone: C. 6222.

CLINICA MEDICA DO

D. NEVES-MANTA

(Assistente da Faculdade)

Especialmente o tratamento das Doenças Nervosas e Mentaes nas suas relações com as doenças functionaes do Estomago, Fígado e Rins.

Rua Rodrigo Silva, 30 — 1ª
Diariamente ás 2 horas.

MARATAN

provido pela Saude Publica e receitado pelas Summidades medicas — Falta de forças, Anemia, Pobreza e impureza de sangue, Digestões difficéis, Velhice precoce. Depositarios: Araujo Freitas & Cia. — 88, Rua dos Ourives, 88.

Tonico nutritivo estomacal (Arsenado Phosphatado) Elixir indigena — Preparado no Laboratorio do Dr. Eduardo Franca — EXCELLENTE RECONSTITUINTE — Ap-

PARA TODOS...

Cinearte-Album para 1930

7

OS MAIS
QUERIDOS
ARTISTAS
DO
CINEMA

+

TRICROMIAS
QUE
SAO QUADROS
DESLUM-
BRANTES

+

40
RETRATOS
MARAVILHOSA-
MENTE
COLORIDOS

+

Contos, anedotas,
caricaturas e his-
torias lindissi-
mas... Confissões
das telephonistas
dos studios... Bel-
leza!... O livro de
WILLIAM HART,
GRETA GARBO...
Como foram fei-
tos os "trucs" do
"Homem Mos-
ca"... Filmes colo-
ridos. Originalida-
de sem par!...



GALERIA
COMPLETA
DOS
ARTISTAS
BRASILEIROS

+

RIQUISSIMA
CAPA COM
**GRACIA
MORENA**

+

CENTENAS
DE
PHOTOGRA-
FIAS
INEDITAS

+

Se na sua terra
não ha vendedor
de jornaes, en-
viac-nos hoje mes-
mo 9\$000 em di-
nheiro, por carta
registrada, che-
que, vale postal
ou sellos do cor-
reio para que
lhe enviemos um
exemplar deste
rico annuario.

Se tem bom gosto escolha suas revistas no meio destas.

Um livro de Sonhos e Encantos ...

A' venda em todos os jornaleiros

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO UOVIDOR, 21 --

CAIXA POSTAL, 880

R I O D E J A N E I R O



Dona Isabel von Ihering presidindo a distribuição de brinquedos que a "Tarde da Criança" oferece aos pequenos vendedores de jornais.



Inauguração da mostra de arte de Victor Brecheret no Predio Gloria com a presença de Dona Olivia Guedes Penteado e da pintora Tarsila.

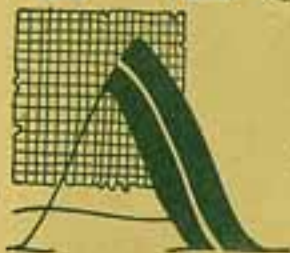


Na Associação
Christã
de Moços

Na festa
do seu
27º an-
iversário

Para todos...

FRIVOLO AMOR



MARFANHANDO
nas mãos convulsas o jornal revelador. Bettina deixou-se cair pesadamente sobre o

sofá, com uma expressão de revolta sincera nos bellos olhos tristes.

A vida feria-a tão cruelmente pela segunda vez!

Hontem, a morte entre todas, dolorosa, de seu pai adoptivo, unico laço de familia que possuia, orphã como era, educada desde a infancia pelo carinhoso ancião que ha pouco lhe succumbira nos braços; — hoje, a insinuação perfida dum noivado entre o homem que amava e a rival execrada, insinuação que se destacava, infamemente delatora, num "carnet" de mundanidades, espelho da vida social, quasi sempre agitada, estúpida e vasia.

A noticia alcançara-a em pleno peito; a principio, as letras dansavam-lhe ante os olhos, numa sarabanda phantastica, irrisoria. Quasi não conseguia entender o sentido das palavras!

Demois, pouco a pouco, com as mãos geladas e a testa a arder, foi-lhe chegando a comprehensão do facto que lhe parecia inaudito, e uma certeza de desgraça entrou a se apoderar do seu espirito, esmagando-a sob a irrefutavel verdade desse mal.

Elle! A creatura que o seu enthusiasmo affectivo tão alto collocara, emprestando-lhe um alma de paladino amoroso, de "cavalheiro" incomparavel, bem distanciado da lama das vulgaridades, o artista de raça que a soubéra dominar com a sua vibratibilidade apaixonada, revelava-se-lhe agora... um commum, igual á grande legião futil dos "incroyables" modernos, incapazes de um sentimento mais forte e duravel, que passam a vida entre o lazer esportivo nos banhos de mar e os flirts vantajosos, tendo por mira o aureo deus-dinheiro.

O jornal dava claramente a perceber tudo: a mais que commentada assiduidade do joven R. de N., festejado escriptor, junto á formosa senhorita X., — não havia iniciaes, mas a descripção que se seguia era bem a della! — a conhecida nadadora, "que trazia nos verdes olhos de ondina, philtros capazes de acorrentar para sempre a alma dos homens"... E assim conti-

nuava o chronista, fazendo blague, valendo-se do banal motivo, para estadear a sua "graça" profissional.

Mesmo, a allusão ao "seu" livro de estréia era visivel; citava trechos até... como duvidar?

Duvida alguma era mais possivel. Tratava-se, sim, de Rogerio de Novaes, do eximio belletrista e artista verdadeiro, forte representante da formosura varonil, e nos seus olhos dominadores, ella vira reflectir-se todo o céu da felicidade, desejada por seu amor. O "seu" Rogerio!

E justamente nessa occasião, quando se achava sózinha e triste, no silencio daquelle lar que o infortunio despovoára, mais necessitada que nunca de carinho consolador, era assim alvejada pela torva ingratidão mesquinha!

O desencanto que se lhe incrustaria d'ora em diante n'alma não era de molde a ser abrandado por lenitivos nenhuns de tempo, ou de orgulho, bem o sentia...

Depois que se foi aos poucos dissipando a onda de amargura que lhe subira ao cerebro e á garganta, começou a reflectir no seu caso, aliás, vulgarissimo.

Sua altivez inherente impedia-lhe quaesquer manifestações de indignação ou pesar e, embora soffresse rudemente, não o demonstraria a quem a soubéra esquecer.

A situação de "abandonada" doia-lhe aos brios femininos; tudo o que comporta de ridiculo para um amor-proprio tal humilhação, saltava-lhe ao espirito agora, cruamente; uma nevoa de colera turvou-lhe por instantes, o coração e a vista.

Dirigiu-se vagarosamente a uma mesa, procurando papel para escrever. Era a unica resolução adequada.

Discretamente e sem escandallo, queria dizer-lhe numa carta que, sendo o seu procedimento por demais notorio, ella não se prestaria absolutamente a semelhante farça; uma vez que (Termina no fim do numero).



Helena de Irajá

PAOLINO

BASCO, LENHADOR, BOXEUR,
MILLIONARIO

PALAVRAS DE HENRY DECOIN. — DESENHOS DE
JEAN-GABRIEL SÉRUZIER



Agora, o lenhador sumiu-se...

O circo de Paris regorgitava de gente. Grande desafio de box. No meio da multidão, um homem moço, atleta, olhava os combatentes, roendo as unhas. Aquelle que deveria ser, alguns annos mais tarde, campeão da Europa, rival de Gene Tunney, dez vezes millionario, o basco Paolino, viera, aquella noite, pela primeira vez, ver um match de box.

Sózinho, não sabendo uma unica palavra de francez, pobre, o lenhador basco, embora os seus hombros robustos e o seu pescoço de touro, parecia expatriado, tímido, triste.

Acompanhava as dissimulações, as esquivas, os ataques, com uma admiração de filho de pobres deante de uma vitrine de brinquedos.

E como elle desejasse treinar, fazer-se boxeur, por ter os pulsos fortes, indicaram-lhe o Stade Anastasie, no alto da rua Pelleport.

Lá chegou com trezentos francos no bolso. Alugou um modesto quarto na vizinhança e começou a educação para pugilista.

A sua inaptidão fazia rir os frequentadores do ring de treinamento. Paolino era forte, prodigiosamente forte; mas, cortar arvore não é a mesma cousa, nem precisa da rapidez de reflexão que faz de um pugilista um campeão.

— "Não achas que elle errou a vocação?" — perguntava um peso pluma, com orelhas de couve-flôr.

— "E' horrivel, principalmente quando caminha sobre os pés da gente!" commentava um peso leve, amador de combates de piparotes...

Pobre Paolino! Recebia na cara rustica de aldeão todas as pilherias daquelles pesos pesados e leves que andavam em volta dos seus 90 kilos, fazendo gatimônhas e saltando nas pontas dos pés com as bailarinas.

De noite, no seu pequeno quarto, como um urso na jaula, Paolino chorava. O mysterio da Nobre-arte o inquietava.

Elle, tão forte, sempre acreditou que dar um murro era brinquedo de creança.

E, lá na aldeia, não lhe haviam aconselhado vir para Paris, bater-se, assombrar os adversarios, e voltar para a immensa e querida floresta com a fortuna ganha com os murros.

Tudo isso lhe disseram! Elle escutou, reflectiu, meditou nos prós e nos contras e partiu... olhando as arvores que desappareciam longe... E agora, bem comprehende a sua situação...

O pequeno peculio está no fim.

Paolino exita; tem medo; perdeu a confiança; o optimismo gastou-se: pensa em voltar...

Os gracejos mais incriveis... Até que um dia Paolino, furioso de receber os golpes de um peso pesado mão, perde a cabeça.

Pouco lhe importam os mysterios da Nobre-Arte. A sciencia, a virtuosidade, a famosa technica, o classicismo dos golpes, a algebra do contra, o jogo das pernas, esquece tudo e bate-se.

O adversario não é mais um homem. E' uma arvore.

E com arvores Paolino se entende. E como se entende!

Começa aos murros. Ouve-se boum, plonf, boum! Confusão no stadium!

— "O lenhador está furioso!"

— "Os 90 kilos de gelatina estão irritados!"

Correm! Querem ver! Na verdade é um bello espectáculo! Algazarra! Paolino é uma machina de murros. Não se defende: ataca! O adversario tomba.

Como massa que cahe! Contam: um... dois... tres... quatro... cinco... O homem não se move... sete... oito... nove... dez... onze!... O homem não se moveu... Carregam-no. Agua, saes, massagens...

Os minutos passam. Volta a si. Paolino pede-lhe perdão...

Arthur, manager em busca de collocação, á noite, procura Paolino; se... por acaso... enfim... que... que poderá ser seu manager, trata-o, treinal-o, arranjar-lhe contractos.

Apertos de mão. Quinze dias depois, na sala Wagram, Paolino mette o seu adversario K. O. no primeiro round.

Espanto! François Descamp aproveita a occasião. Não tem mais Carpentier; precisa de substituto. Quinze managers rodeiam o ex-lenhador.

Antes do estalo





A primeira vitória de Paolino.

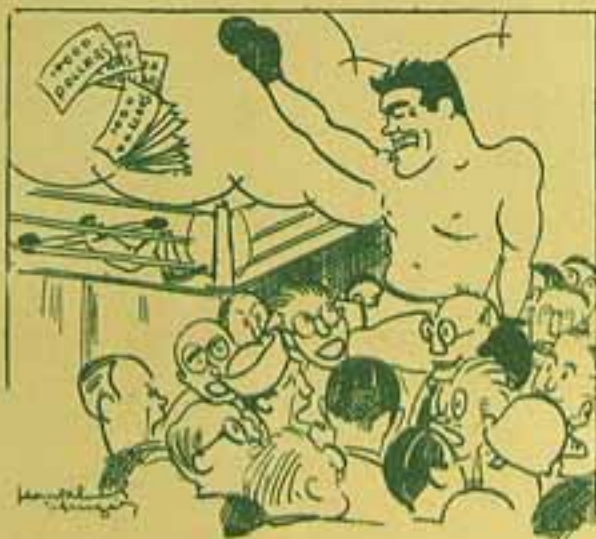
Paolino e Arthur combinam a viagem que os enriqueceu.



Rumo ao país dos dollars



Com a fortuna nas mãos



Arthur está inquieto. Arthur é honesto, mas é pobre. Propõem adiantamentos a Paolino. Falam em levá-lo para o campo, para um sumptuoso stadium de treinamento. Ocupar-se-ão das suas despesas.

Mas o que está escripto, está escripto; o que tem que acontecer, acontece. Arthur e Paolino eram já um só coração, uma só alma. E seguiram confiantes pela estrada difficil e accidentada dos pugilistas, em busca de fortuna e de gloria.

Victorias aqui, triumphos acolá! Paolino é Paolino! Um nome! Pulsos! Cada murro mette o adversario K. O.

Paolino viu na revista *Auto* a sua photographia. Cortou-a e enviou-a á velha mãe... com um cheque de 500 francos...

Victorias ainda! Deante do ex-lenhador, os homens cahem, como cahiam as arvores. Uma tarde sahe do ring campeão da Europa. As mulheres deslumbradas, escrevem-lhe cartas.

Tem flores no camarim. Arthur beija-o. E os dois, escondidos, choram.

Os dias passam.

Arthur tem uma idéa:

— "Vamos á America?"

— "Onde é a America?"

— "Do outro lado..."

atravessa-se o mar...

— "E' longe?"
— "Toma-se um grande navio; é justamente no fim da viagem do grande navio."

— "E' preciso muito dinheiro para tomar o grande navio..."

— "Viajaremos em segunda classe..."

Partiram. No fim da viagem encontraram-se em New-York.

Bella aventura! Paolino combater os perigosos pesos pesados americanos.

E' muito serio! Arthur está apprehensivo.

Mas o campeão da Europa sabe jogar box. Ganha... partidas e dollars.

Bella aventura! O sport, quando quer, torna grande um pequeno, rico, um pobre popular um desconhecido. Cada sportivo, cada homem, porque a vida é um sport, carrega com elle os limites possiveis, os fins a attingir; e nelle, no cerebro e nas arterias, os imponderaveis que fazem e desfazem a FORTUNA...

Paolino dorme num grande *Palace*. Nos seus sonhos andam phrases internacionaes, moedas internacionaes, publicidade internacional. E' um homem que pertence a todos os países, porque a sua celebridade é internacional. Está feliz. São Arthur velha junto delle...

A
MODA
AGORA
E'
SO'
PARA
AS
PRAIAS



Roupas de banho, pyjamas, coisas leves para a areia das praias e para as águas do mar. O nudismo ainda não chegou aqui. Mesmo aquelle aguarda-nocturno que foi preso sem ceroulas, sem camisa, sem calça, sem casaco, conservou o boné na cabeça e as meias e as botinas de elastico. Aqui estão em photographias de Scaioni quatro lindos modelos para molhar nas ondas e no sol...





U R C A

Bahia de Guanabara

Quando a gente se lembra de que esta linda terra carioca por um triz não ficou se chamando *Rio de Dezembro*, ou, mais consoante aos costumes da época do descobrimento, *Rio de S. Silvestre*, não pôde menos que sorrir à idéia do desapontamento de Pedro Álvares Cabral, ao verificar, só muito mais tarde, o

seu equívoco... Tivesse — o querido Eolo, deus dos ventos, e o vecla-

me cabralico, viz. 'e e quatro horas antes teria saudado, com outro no-

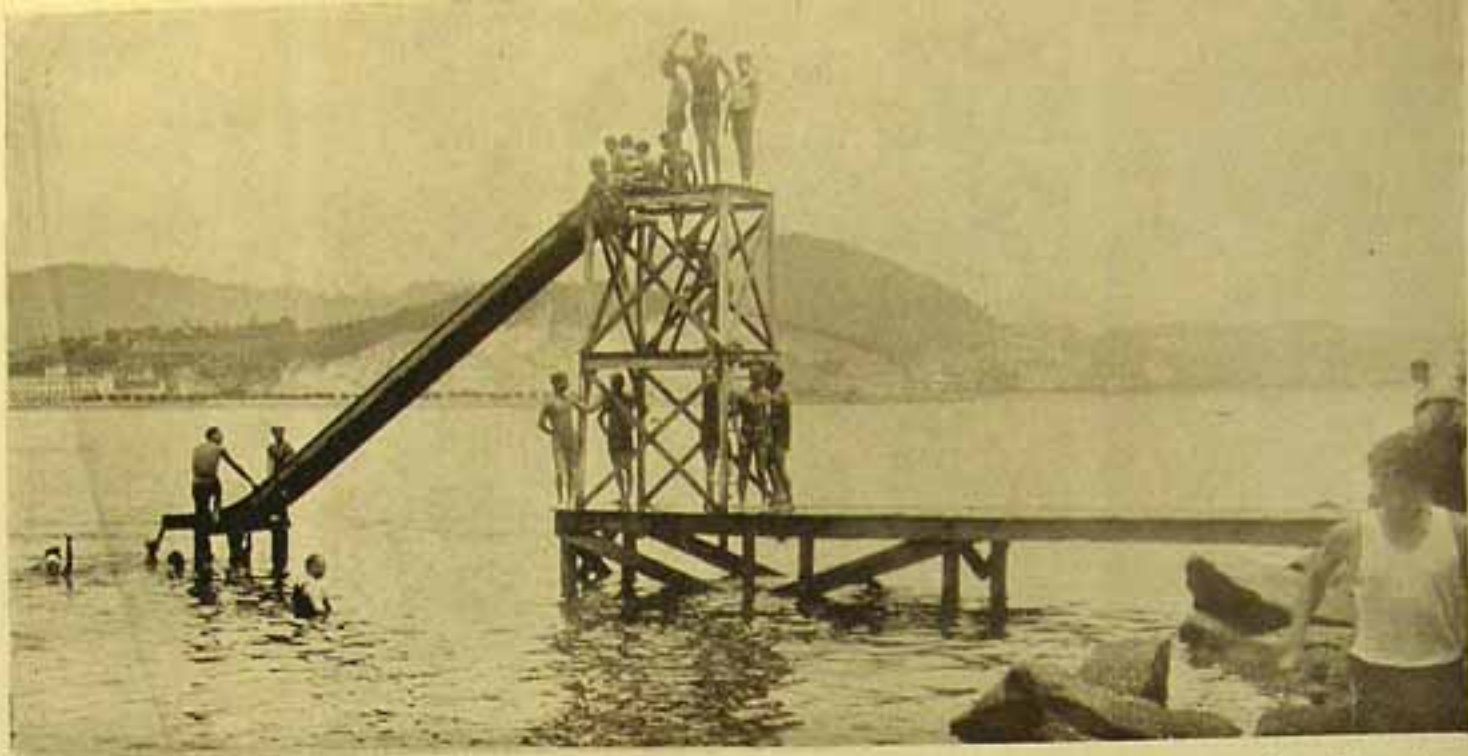
me, a majestade selvagem destas plagas.

Os caprichos

mordentes do destino... Que teria isso custado à glória melindrada do nosso descobridor? Abandonado e esquecido em Santarém, talvez haja morrido o almirante com a desconfiança de que o engano attrahira para si a tacita má vontade do rei D. Manoel, que nunca mais lhe confiou outra missão. Não fosse elle,

F L A M E N G O





depois do carape-
tão hydrographico,
enterrar de vez a
fama da navega-
ção lusitana!

Naquelle tem-
po o erro foi man-
tido em homena-
gem e solidaria-
de dos reinões com
o seu bravo nave-
gador. O Brasil at-
tingiu, por sua vez,
a maioridade,
U R C A

guardando as tra-
dições de teimosia
e perastencia no
erro, herdadas da
antiga metropole,
com a mesma ca-
beçada serenidade
que faz a Prefei-
tura ainda hoje
conservar em Bo-
tafogo o horrendo
pavilhão de rega-
tas do prefeito
Passos...

Rio de Janel-
ro. Mas, quem pô-
de assegurar o mo-
tivo por que o al-
mirante lusitano
classificou de
"rio" a esta ban-
deja immensa de
prata brunida? A
intuição que lhe
fez impellir as ca-
revelas para o
oeste, não terá tido
aqui uma repeti-
ção no conhecimen-

U R C A





U R C A



to divinatório de
haver lançado an-
coras no reino das
Yáras?... Elle as-
viu, vestidas com
os proprios cabel-
los longos e abun-
dantes, graciosas
no bronzeado da
pelle assada pelo
sol, rapidas no
andar de um ex-
tremo ao outro do
areal virgem de
pés christãos...

As praias são as
mesmas. E nellas
subsiste a estirpe
peregrina das Yá-
ras... do Rio de
Janeiro.

Ellas ahí es-
tão. Já não offere-
cem o mysterio que
outr'ora escondiam
no negrume dos ca-
bellos longos e
abundantes... Re-
velam-se, porém,
na mesma esplen-

didez bronzea dos
corpos gentis, ago-
ra refflorindo da
polychromia dos
maillots, que lem-
bram Deauville,
como lembram Ca-
tharina Paraguas-
sú ainda feliz na
liberdade selvatica
da pradaria ba-
hiana...

A Urcá é bal-
neario... Casino

U R C A



balneario, em que a gente chega de automovel e muda a roupa em cabines. Estudam-se as atitudes e bebe-se *cock-tail*... A sombra do edificio protege os banhistas do açoit fuzilante do sol. E elles ali ficam, esquecidos do tempo "páo" e quente lá das ruas, commentando deliciosamente a vida alheia e olhando a agua sem ondas, de placidez lacustre. A antiga Lavolina, humilde e discreta, tornada mundana, ele-



gante, bisbilhoteira...

No Flamengo a praia é apenas um vestigio. Caes, e pedras para protegê-lo das resacas.

U R C A

Os seus banhistas têm os dias de liberdade contados, e querem levar nos pulmões toda a seiva de vida eterna que brota dos

abysmos do mar. São naturistas que, se o espaço mingua da praia permitisse, dormiriam em *maillot* sobre a areia.. Con-

O d i l o n J u c á

F L A M E N G O

temtam-se em chegar com o sol e sair com as primeiras sombras da noite. E' a praia da população do centro da cidade. Os que não tomam banho, vêem. Vêem do alto do caes as banhistas bonitas desabrigadas de guarda-sóis, recostadas no paredão...

E quando se repete que Deus dá a roupa conforme... o calor, logo um *incereu* responde que isso de provérbios não vale nada.



AURELIO
A PINHEIRO

TIA FRANCISCA

vendo como um lobrego avejão entre a casa e a igreja, metida no vestido preto que a abrigava desde a morte do marido.

Ricardo e Ramiro começaram, então, a sentir os primeiros amargores. No collegio todos os alumnos, ainda os mais pobres, dispunham de gulodices enviadas pelos parentes, e de pequeninas quantias; e não raro nas horas de gymnastica ou de jogos violentos no recreio, se viam moedas que caíam dos bolsos das fardas.

Para Ricardo essas moedas e essas gulodices eram duras, profundas offensas que attribuavam o seu espirito. E certa vez, na sua classe, quando levantaram uma subscrição para um presente ao director do collegio — elle e o irmão soffreram cruéis humilhações. Os seus nomes foram riscados da lista no meio de satyras esmagadoras!

Nesse dia veio-lhe a primeira revolta. Escreveu á tia, expoz vivamente as scenas desagradáveis que o confrangiam, implorou o insignificante recurso para livrar-se da crueldade de tanto escarneo. Ramiro escrevera tambem, mais incisivo, mais rude, exigindo pequena importancia, desabafando todo o furor e contando a serie de ultrajes que os collegas atiravam á digna senhora.

D. Francisca respondeu aos sobrinhos severamente. E fazia revelações angustiosas; a despesa do collegio era feita pelo irmão, refugiado nos cafeses de S. Paulo, de onde mandava a mesada para os filhos. Mas havia dois mezes que não recibia noticias desse irmão des-nortado; findava o semestre pago, e ella, fraca e pobre viuva, mal poderia sustentá-los. Afinal, concluía asperamente, dizendo que o director receberia naquella momento a ordem de excluir os do collegio e enviar os para a sua casa.

Os dois irmãos partiram consolados. Era preferível a escassez, o mau humor, o carolismo da tia Francisca, á insistente piedade do director e dos professores.

Ella recebeu-os consternada; e dias depois, após o jantar, explicou aos sobrinhos a minguada condição da sua existencia: o soldo do capitão era pouco; a Fazenda tornara-se improductiva; as economias voavam com rapidez. Ora, nessa desesperada circumstancia era evidente que marchavam para a miseria — e para evitar a miseria não se havia inventado outra coisa a não ser o trabalho. E terminava, á cabeceira da mesa de jantar, os olhos seccos pousados sobre os sobrinhos:

— Só o trabalho! Vocês estão crescidos; podem ajudar-me. Ricardo irá para o escriptorio do tabellião Moreira; Ramiro para a loja do Sr. Guedes. Falei a esses senhores, e elles lhes darão almoço e jantar. Mas dormirão sempre aqui em casa.

No dia seguinte a essas explicações começou para os dois irmãos uma nova existencia de trabalho e tristeza. Cedo partiam para os empregos: Ricardo enfunava-se no abafado escriptorio do tabellião, sentava-se á mesa de pinho, enchia pacientemente, com a letra ainda incerta, longos cadernos de almanac e vastos livros de escripturas. O velho Moreira, baixinho, vivo, sagaz, admirava a

gravidade do seu novo empregado, dava-lhe as refeições, e por vezes, aos sabbados, pequeninas gorjetas.

Ramiro trabalhava na loja do Sr. Guedes, ao balcão, sorridente e conformado.

Assim corria, regular, tranquilla, monotona, a vida dos dois irmãos.

Um dia, porém, quando Ricardo, após o almoço, se encontrava sósinho no escriptorio, o carteiro deixou sobre a sua mesa uma carta para o tabellião. Elle distraído virava e revirava entre os dedos o grosso envelope. Mas, de subito deixa o devaneio que o tomara, prepara-se para o trabalho, afasta para um canto da mesa livros e papeis. E foi nesse momento, quando ia deixar a carta sobre a mesa do tabellião, que reparou no subscripto da mesma, e estacou surpreso! A carta vinha "aos cuidados do Tabellião Moreira", mas se endereçava á D. Francisca Rebouças — á tia Francisca! Examinou-a, reparou na letra, grossa, larga, segura. Era a letra de seu pae, conhecida, afamada, inconfundível, que elle tantas vezes vira elogiada pelo tabellião!

Vio-lhe o brusco desejo de saber o que dizia aquella missiva, e conhecer a sorte do pae, tão desgraçado e tão meigo, que o abandonara aos soluços e fugira allucinado para soffrer bem longe a saudade da esposa indigna e a deshonra do nome. Ouviu passos na calçada; teve um gesto decisivo — metteu rapidamente a carta no bolso.

À noite, ainda cheio de sobresalto, revelou ao irmão o que succedera, como distinguira logo a calligraphia paterna, como o tentara o desejo de roubar; e como tudo fôra estranhamente propicio ao delicto.

Estavam sós no aposento em que dormiam. Tia Francisca fôra á novena com a criada, e toda a casa jazia em silencio e treva. Ricardo tirou do bolso o grosso envelope, examinou-o á luz do candeiro de petroleo, os dedos a tremer como numa profanação. Mas Ramiro, impaciente, afogado de emoção, exigia a leitura:

— Vamos! Anda logo! Nós temos o direito de saber noticias do pape.

E como o irmão o olhasse receioso, elle num gesto vivo tomou-lhe a carta, abriu-a, soffregou.

Era uma longa epistola, em forma de Diario, contando, no meio de infindaveis detalhes, toda a sua vida de emigrado, entre gente desconhecida, na grandiosa terra paulista. Ali conseguira acalmar o coração e esquecer a esposa infiel. Quasi ao fim da immensa narrativa, falava nos dois filhos, pedia-lhe — agora que deviam estar adolescentes — que por elles velasse e nelles deixasse crescer mais forte e mais doce o amor ao pae desventurado.

Ao terminar referia-se a assumptos financeiros. Remettera sempre á irmã, religiosamente, todas as suas economias, para que os filhos, após os estudos, encontrassem uma pequena fortuna

que os livrasse d e
(Termina
no fim do
numero).



DESDE a infancia os dois irmãos Ricardo e Ramiro ouviam falar na riqueza da tia Francisca, viuva de um capitão do exercito, que andara sempre em fartas comissões do governo cruzando os sertões do nordeste. O capitão morrera de febre no Piahy, e D. Francisca ficara com o soldo, uma fazenda prospera, a casa onde residia e uma vaga saudade do marido errante.

Foi logo depois da morte do capitão, que a cunhada, uma senhora que parecia insípida e séria, fugiu com um dentista da cidade. O irmão de D. Francisca supportou durante trez mezes—trez mezes de assombros e conjecturas! —o infortunio do seu lar. Mas depois desse negro trimestre descobriu a residência da mulher e matou o dentista, ferozmente, esmagando-o com uma bengala de ferro. Após o crime procurou a irmã, entregou-lhe os dois filhos, desapareceu, impressionado, desvalizado, sombrio, no perpetuo espanto daquella aventura.

Talvez porque ao capitão nunca sobrasse o tempo, D. Francisca se encontrou viuva sem filhos. Teve piedade do irmão e ficou com os sobrinhos.

Ricardo o mais velho, entrava nos doze annos; era intelligente, reservado, impenetravel, dissimulando no olhar humilde astucias de felino. Raramente commettia imprudencias, e supportava o mau humor da tia, sempre risinho, sempre tímido, seguindo-a com o olhar submisso e curioso. Ramiro, mais novo um anno apenas, tinha o temperamento irrequeto, alegre, affavel, uniforme como o das creaturas mediocres.

Foi primeiramente na escola primaria que os dois irmãos ouviram falar na fortuna e na avarizia da tia. Mas nessa epoca elles não percebiam toda a extensão da maledicencia, e apesar de sóbriamente alimentados e vestidos, sentiam, embora feridos pelo sarcasmo dos condiscipulos, a validade de se não confundirem com os filhos do ferreiro e do carpinteiro.

Mais tarde, num pobre collegio da capital, onde estiveram quasi um anno, viram repetidas as mesmas ironias, os mesmos motejos, a invariavel injuria á tia Francisca, por esse tempo mais intratavel, mais egoista, mais funebre, vi-



A manhã no escriptorio da firma Gomes Ferreira & C. transcorreu nesse ambiente anormal e inquietante. Depois do almoço não viram mais o chefe da casa.

"Não seja lórpa, Gomes Ferreira. Abra os olhos e veja o que se passa em derredor. Enquanto o senhor se afunda no seu armazem a discutir preços de cebolas e alhos, D. Clara cuida de outras coisas agradáveis. Anda com um amante às vistas de toda gente. Se o senhor sobrepe a sua honra à cobiça, não continue a ser ridículo na vida."

A carta fôra recebida, ao sahir de casa, das mãos de um garoto. Parára e lêra-a ali mesmo na rua, esperando o bonde. Encostara-se ao poste e ficara com as pernas tremulas, as faces em fogo, sem saber o que lhe ia na cabeça, onde os pesamentos mais confusos se embaralhavam, toldando-lhe o entendimento e a reflexão. Treslera a carta denunciadora, sem meditar se ella continha uma infâmia ou uma verdade, amarfanhando-a, guardando-a depois. Mas dir-se-ia que toda a gente que ali esperava o bonde, tinha lido com elle o papel anonymo. Ficou a pensar se devia voltar á residencia ou ir para a casa commercial. Foi para á casa commercial, onde chegou com a cara tigrina.

...

A senhora Clara Ferreira andava ha dias, ora a telephonar para um moço socio da firma Gomes Ferreira & C., ora a conversar com elle na casa da sua amiga Leonor Proença, na Tijuca.

Amiga da meninice da outra,

mas honesta, não foi sem pouca resistencia que acquiesceu em lhe auxiliar os amores illicitos. Iam as duas ao Cinema, frequentavam os chás e era a mulher de Gomes Ferreira quem mais se approximava de Victor Braga, o tal moço, pela intimidade que tinha em virtude de ser socio do seu marido.

Na rua parecia que Clara Ferreira era a amante de Victor Braga. E como não tinham ainda outro lugar mais discreto, os encontros se faziam onde podiam ser feitos sem a intervenção de Clara Ferreira: na casa de Leonor Proença.

A bisbilhotice carioca da vizinhança e a de quem os via na rua, só tinha uma conclusão: era de que a mulher de Gomes Ferreira não passava de amante de Victor Braga, eliminando a outra de qualquer suspeita. E o facto d'elle encontrá-la em publico, acompanhá-la ligeiramente, lá á casa de Leonor Proença, robusteceu a maledicencia.

Ella não se apercebia disso, na ingenuidade do que praticava e ia adiante, esperando que um dia fosse inutil a sua assistencia entre os dois apaixonados. Enquanto esse dia não vinha, a sua honra ia sendo esraçalhada na bocca de certa gente. E foi assim até o dia em que o marido recebeu a carta anonyma.

...

Gomes Ferreira passou um mez de angustia. Do desespero. Envelheceu dez annos em trinta dias. Vieram-lhe cabellos brancos. Rugas. E a tortura maior estava na dissimulação de tudo isso, quer perante a mulher, quer perante os socios e empregados. E a sua tortura augmenta-

QUANDO o Gomes Ferreira chegou ao escriptorio naquella manhã, vinha com a carranca tigrina. Carregando

um pesado fardo na alma. Doente. Sentia-se-lhe o mar revolto que elle trazia no seio, vendo-se-lhe a pupilla parada e fria como uma lamina, a bocca refranzindo-se de instante a instante, num rictus que era de desencanto, de renuncia e de colera.

Os socios e empregados nunca o tinham visto assim. Pouco dado a facecias, mas delicado e conversador, jamais o haviam surprehendido numa grande alegria ou num grande tormento. Os negocios da firma Gomes Ferreira & C., corriam bem e no lar do chefe parecia que nunca nuvem meno clara passara, toldando-lhe a paz e a ventura.

Por isso houve murmurações timidas, cochichos, indagações em segredo, entre empregados que olhavam o patrão receiosamente, procurando na sua physionomia taciturna e fechada, desvendar algo. Entre os socios corria a mesma anciedade de conhecerem o mysterio. Olhavam o chefe de soslaio, indagavam-se a furto, e mesmo sobre negocios tinham receio de irrital-o.

va, quando sahia a caminho da casa commercial ou regressava para a residencia, porque não tinha coragem de levantar a cabeça, na supposição de que todos os transeuntes e vizinhos o olhavam ou vinham vel-o passar e rir-se delle, zombando da sua desventura, escarnecendo da sua honra.

Costumava almoçar pela manhã com o socio, num restaurante da cidade; à noite, na mesa com a mulher, por varias vezes, tentára dizer qualquer coisa que a provocasse, ou atirar-lhe de vez, em pleno rosto, a sua torpeza. Mas temia accusal-a de uma falta que ella não houvesse commettido,

achando melhor pegar os dois e dar-lhes o castigo merecido.

Ao recolher-se, vinha-lhe o mesmo desejo e a mesma covardia.

E' verdade que nada de mal notara na mulher, nenhuma differença, mas tambem sabia que as mulheres usavam de mil e uma formas de dissimulação e artificio. Fazia-se preciso, porém, sahir da situação em que se encontrava, tanto mais que lhe fôra parar às mãos, enviada pelo correio, outra carta igual á primeira. Tomar um rumo. Decidir-se. Chegou á encruzilhada deste dilemma: a honra vingada ou a morte.

Comprou um "Smith and Wess", adquiriu uma porção de toxico que eliminaria dez homens e jurou a si mesmo que dentro de dois dias estaria tudo liquidado. Mataria a esposa adúltera e se mataria em seguida ou iria entregar-se á policia. Só sobre esses dois ultimos pontos é que Gomes Ferreira vacillou um momen-

— Matar-se, porque? re-

flexionou. Vingaria a sua honra matando Clara e confessaria o seu crime, aguardando a decisão da justiça humana, que não lhe poderia ser negada.

Mas decidiu-se. Daria dois tiros na mulher, quando a surprehendesse em flagrante com o deshonorador do seu lar.

• • •

No segundo dia os jornaes noticiaram um facto scandaloso e sensacional.

Entrando em casa inesperadamente o dr. Paulo Proença encontrara a mulher em "peignoir", em plena sala de visitas, nos braços de Victor Braga, socio de Gomes Ferreira & C. tal como lh'o haviam prevenido na vespera, pelo telephone.

CARLOS RUBENS
Illustração de U. della Latta



Não vacillou. A colera de que ia possuido, explodiu, diante da scena ignobil. Atirou em ambos, matando o seductor; a mulher ficou atirada ao chão, no desalinho tragico e scandaloso, com as vestes finas e azues rubosejantes de sangue. Tiveram tempo de chamar ainda a Assistencia que a achou morta.

• • •

Gomes Ferreira, que de jornaes só se interessava pela pagina que lhe falava em entradas de generos, de tantos a tantos do mez e de cotações do Centro do Commercio de Cereaes, no dia seguinte, comprou um jornal, entrou num café que lhe pareceu mais discreto e abriu-o na pagina policial.

"Lá vinha em titulos scandalosamente visiveis:

SURPREHENDENDO A ESPOSA EM FLAGRANTE ADULTERIO, MATOU-A E AO AMANTE, A TIROS DE REVOLVER.

E depois sub-titulos e photographias dos amantes, do marido, da sala onde se desenrolara a tragedia e a historia dos amores peccaminosos. Em todo o romance nem numa linha se falava em D. Clara.

Gomes Ferreira leu a noticia quasi com volupia. Já ia levantar-se, quando viu que não havia ainda tomado o café. Bebeu-o mesmo frio, pagou, já de pé, e sahiu. Era outro homem.

A' noite, chegou em casa mais cedo do que de costume e com uma cara quasi ridente.

Jantou com maior appetite. Trocou impressões sobre coisas do dia com a mulher, sem falarem ainda no crime da vespera. Ao adormecer, com espanto da propria esposa, beijou-lhe amorosamente a bocca que jamais beijara outro homem. E dormiu como um justo.

NO Quartier Latin, — o bairro pobre de Paris, em que moram os estudantes e artistas bohemios e onde, frequentemente, se desenrolam grandes e obscuras tragedias, — vivia o pintor Jacques Clarel de Courteville, figura apagada, quasi desconhecida nos circulos de arte parisienses.

Aquillo que Jacques Clarel de Courteville emphaticamente chamava os seus "aposentos" era uma miseravel agua furtada, de cujo tecto esburacado pendiam enormes teias de aranha. Perto de uma janella, cujos caixilhos faziam crer que outr'ora fôra envidraçada, jazia o cavalletto do pintor e, sobre um tosco banco de madeira, via-se o pincel e a palheta. A um canto, divisava-se um monte de jornaes, que Courteville dizia ser o seu leito.

Uma impressão angustiosa de desconforto envolvia, immediatamente, o espirito de quem ali penetrasse. E se um homem, com um nome tão bello e sonoro como Jacques Clarel de Courteville, ali vivia, era porque a sua miseria não conhecia limites.

O pobre pintor viera de sua provincia — a Normandia — estudar leis na Universidade de Paris, em obediencia aos desejos de um velho avô, que lhe dava parca mesada.

Na grande cidade, Courteville encontrou um antigo condiscipulo, Lenoix Duclerc, que fazia brilhante curso na Academia de Bellas Artes.

Suggestionado pelos conselhos desse amigo — a quem os criticos, mais tarde, chamaram de "grande mestre da pintura moderna", — esqueceu as recommendações do

avô, comprou um pincel e uma caixa de tintas na "Maison Da Vinci" e entrou para o curso de pintura.

Naquelle instituto, foi sempre um alumno mediocre, sem grande habilidade. Não lhe faltava, entretanto, applicação aos estudos. Ouvia as aulas com attenção, era de uma assiduidade sem par, vivia constantemente agarrado ás caixas de tintas, lendo manuaes sobre pintura e fazendo, como exercicio, copias de quadros notaveis.

Os seus progressos eram, todavia, lentos e diminutos. No ultimo anno do curso teve uma reprovação e foi obrigado a repeti-lo. Mesmo assim, não estava convencido da sua mediocridade e acalentava, interiormente, a idéa de vir a ser, no mundo das artes, um nome tão venerado como o de Ticiano, como o de Rembrandt, como o de Franz Hals.

Terminado o curso, concorreu ao "Salão". Enviou tres quadros, dos quaes só dois foram expostos. O jury desclassificou um dos trabalhos, calçado em uma lenda da mythologia grega — "O Sonho de Orpheu". As telas expostas foram, porém, premiadas com medalhas de prata, — os chamados premios de animação.

Jacques Clarel de Courteville soffreu uma rude e dolorosa decepção. A attitude do jury, desclassificando "O Sonho de Orpheu", que elle jul-

gava um trabalho extraordinario, deixou-o aturdido. Mas consolou-se, pensando que o jury, composto de velhos artistas academicos, não estava á altura de comprehender um pintor, como elle, insurgido contra as "estupidas regrinhas escolasticas".

As medalhas de prata, entretanto, acenderam no espirito do pintor o facho da indignação. Aquillo não era premio que se desse a um artista do seu quilate. Era, para elle, uma affronta, uma revoltante offensa, a concessão das medalhas de prata, que o jury distribuia, como simples estímulo, apenas como incentivo, a qualquer principiante que figurasse no "Salão".

E não descansou enquanto não disse, pessoalmente, meia dúzia de desaforos aos "velhos cretinos", que constituíam o jury.

No recanto da longinqua provincia em que vivia, semanas depois das occorrencias que acabamos de relatar, o avô de Courteville leu, surpreso, nas gazetas, a noticia de que o neto, recentemente diplomado pela Academia de Bellas Artes, conquistára, no "Salão", duas medalhas de prata.

Com que, então, o peralvilho fôra estudar para pintor? — rugiu o velho. Desobedecera os seus conselhos e fôra metter-se com essa sucia de vagabundos, que andam com os ateliers cheios de mulheres nús... Mandára-o a Paris, para que fosse um advogado, um doutor, um homem sério. Queria vel-o mettido numa

megalomania de Jacques Clarel de Courteville

R. Magalhães Junior

DESENHO DE
ACQUARONE



toga, solemne, cheio de gravidade, assignando despachos e presidindo tribunales. Isso de pinturas é que não lhe cheirava bem...

Quiz saber a opinião do vigario da parochia sobre o caso. O vigario, uma boa e gorda creatura, com quasi cincoenta annos de latim e de rapé, achou que aquillo era um descalabro, uma vergonha para a familia. Sahira um grande maroto, o tal senhor Jacques Clarel de Courteville, concluiu o velho parcho, enchendo de rapé as fossas nasaes.

Deante disso, o avô não teve duvida em impôr severo castigo ao neto que, imprudentemente, se transviára.

E' desse modo, Jacques Clarel de Courteville, dias depois, recebeu em Paris a noticia de que sua pensão se achava total e definitivamente suspensa.

O pintor deixou, então, de viver modestamente. Passou a viver na miseria. Difficilmente conseguia vender, mesmo por insignificantes quantias, alguns trabalhos seus, para matar a fome. As suas roupas mais apresentaveis, em pouco tempo, estavam reduzidas a farrapos.

Faltando-lhe roupa, faltou-lhe tudo. Os amigos, com os quaes, muitas vezes, almoçava, ou jantava, esquivavam-se, quando o encontravam, porque não ha quem goste da companhia de esfarrapados. Os seus quadros, nem por cinco francos, havia quem os quizesse.

Jacques Clarel de Courteville, que comia uma vez por dia, passou a comer de dois em dois dias. E, de uma feita,

entrou o misero pintor pelo terceiro dia, sem que o seu estomago tivesse sentido o confortador contacto de um pouco de pão e de salame, — iguarias que de ha muito constituíam o invariavel "menu" das suas refeições.

Esfomeado, nesse dia, o pintor sentia revolverem-se-lhe as visceras em dolorosas contorções. O seu rosto, abatido, desfigurado, era bem o espelho dos soffrimentos que o torturavam. Seriam onze horas, quando um cheiro activo de guizados, de viandas assadas, entrando pela janella, aguçou-lhe ainda mais o já enorme appetite.

Courteville pensou, então, naquelles anjos bons de que lhe falára sua velha mãe, naquelles anjos bons que apparecem, para nos valer, nos momentos mais difficeis da vida. E acreditou que os anjos, ruflando as longas asas brancas, iam entrar pela janella a dentro, rodeados de salsichas celestiaes, afim de livral-o do supplicio da fome.

Mas os anjos não appareceram e Courteville foi á janella, pesquisar de onde vinha aquelle forte cheiro de guizados. Alongando a vista, o pintor lóbriguou, no predio vizinho, uma robusta e corada filha da Bretanha, pondo á mesa o succulento jantar com que seus amos commemoravam as badas de prata. Sobreveiu-lhe um accesso de raiva, uma for-

(Termina no fim do numero.)



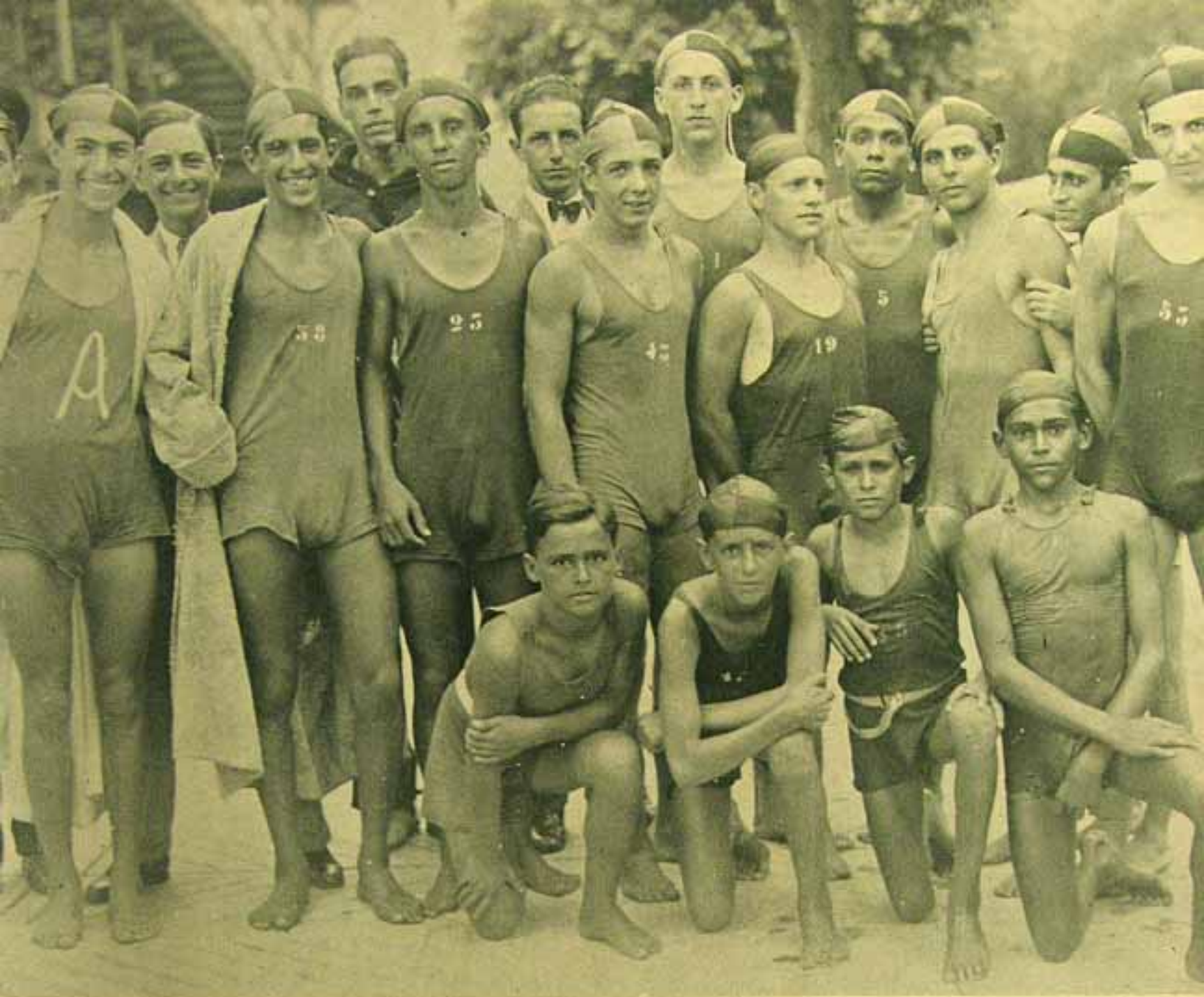
**Quando
Umberto
di
Savoia
ainda
não
pensava
em
casar...**



O herdeiro da corôa italiana com seu pae e em duas outras photographias do tempo de menino. Elle não tinha chegado aos treze annos. Foi aos treze annos que o Príncipe encontrou Maria José, da Belgica, uma vez, em Florença. Brincaram juntos. Não se entendiam. E puzeram-se a gostar um do outro. Doze annos depois, no dia 8 de Janeiro de 1930, a filha do Rei da Belgica e o filho do do Rei da Italia casaram-se. Houve muitas festas. E elles vão ser muito felizes.

SE-
NHO-
RI-
TAS
LAU-
RA
MAR-
TINS
DOS
SAN-
TOS
E
MA-
RIA'
CAN-
DI-
DO
MEN-
DES
DE
AL-
MEI-
DA
QUE
DIS-
PU-
TA-
RAM
A
6ª
PRO-
VA
COM
A
VI-
CTO-
RIA
DE
MA-
RIA'





Alguns dos nadadores das provas promovidas pelo Club Boqueirão do Passelo na enseada de Botafogo, domingo

Concursos de nadadores estreantes e novíssimos

Carlos Bastos (Boqueirão) vencedor da 1ª prova de estreantes, Adelfino Astuto (Boqueirão) vencedor da 8ª prova de novíssimos



Fantasia para o Carnaval

Está chegando a hora... Aquella hora que o Rio espera desde a quarta-feira de cinzas... "Para todos..." entrega hoje às suas amigas algumas idéas de fantasias para os bailes e para os côrsos. Outras virão todos os sabbados até o grande sabado:

COSSACO — Setim ou velludo vermelho, botões de "strass" nas aberturas das mangas; calça "bouffante".

RUSSA — Blusa de seda branca e mangas largas bordadas a contas. Casaco armado de pelle, e na saia franja de tres tons.

SUISSA — Vestido de velludo escuro, fichú preso por duas voltas de perolas grandes e avental em fórma de laço, de taffetas.

1830 — Taffetas em crêpe da China estampado, grande chale de musselina e chapéo "cabriolet".

GRUPO DE "SEVRES" — "A dama", de taffetas azul hortensia, babados de filó de seda, e bordados a ouro. No chapéo plumas de avestruz em tres tons: azul, rosa laranja e rosa secco.

"O cavalheiro" veste casaco de seda lavrada, sem mangas, calça de setim claro e "jabot" de renda.

1830 — Taffetas escossez, calças de renda e fitas de velludo azul.

CAMPONEZA DA GRECIA — Bordado multicôr na blusa, avental bordado e guarnecido de franjas; saia de seda vermelha, plissada.

HIGHLANDER — Blusa de crêpe quadriculado, saia de xadrez e bolero de velludo castanho escuro.

ESTALAJADEIRO — Blusa de cambrala branca, collete de velludo vermelho, avental azul e calça escura.

LAZZARONE — Blusa de seda marfim, saia listrada de vermelho laranja e branco, faixa e lenço da cabeça do mesmo tom.

ORIENTAL — Bolero de setim, mangas em fórma de azas forradas da gaze de que é feita a blusa e a calça que cobre uma das pernas.

FUSTANELLA — Bolero bordado, blusa e um dos babados de "lamé" dourado, ainda um babado de musselina vermelha do vermelho do setim da faixa e do gôrro guarnecido de grande borla de ouro.

PASTORA — Blusa e "paniers" de taffetas quadriculado, saia azul, de setim, fichú e melas mangas.

CRIDADINHA SEculo XVI — Corpete de taffetas vermelho, fichú de linho, saia plissada de taffetas azul-roxo.



S
A
N
D
A

D
A

M
I
S
S
A

D
E

D
O
M
I
N
G
O

N
A

I
G
R
E
J
A

D
A

G
L
O
R
I
A

N
O

L
A
R
G
O

D
O

M
A
C
H
A
D
O



COSSACO



RUSSA



SUISSA



1830



GRUPO DE SÈVRES

EXPLICAÇÕES
NO TEXTO





CAMPONEZA DA CROACIA

EXPLICAÇÕES
NO TEXTO



"HIGHLANDER"



"LAZZARONE"



ESTALAJADEIRO



ORIENTAL



FUSTANELLA



PASTORA



CRIADINHA
SECULO XVI



Senhorita Didi Caillet na tarde do seu lindo recital no Theatro Casino — 14 de Janeiro de 1930.

DIDI CAILLET realizou mais um milagre: encheu em pleno verão o theatro Casino. Veiu gente de Petropolis para ouvi-la. Veiu gente de Copacabana e da Tijuca para viver duas horas contentes, escutando Didi Caillet e vendo Didi Caillet. Ella tambem, quando era mais menina, passou pelos cursos de declamação. Mas não se estandardizou. Tem modos simples. Tem uma voz que não pede socorro. E tem pena dos nossos irmãos invisiveis que andam no ar: não dá nelles a todo o instante: gesticula com bondade. Mais: Didi Caillet acredita nos poetas bons. Si ainda incluye alguns brabos nos seus programmas é só por amor á tradição. "Disse uma coisa de Hello Peixoto e foi um successo. Si ella dissésse uma coisa de Santa Rita Durão não ganhava nenhuma flor. Eln? Não ganhava? Ganhava. Didi é tão bonita. O vestido della era tão bonito. Tudo se perdôa a uma crea-



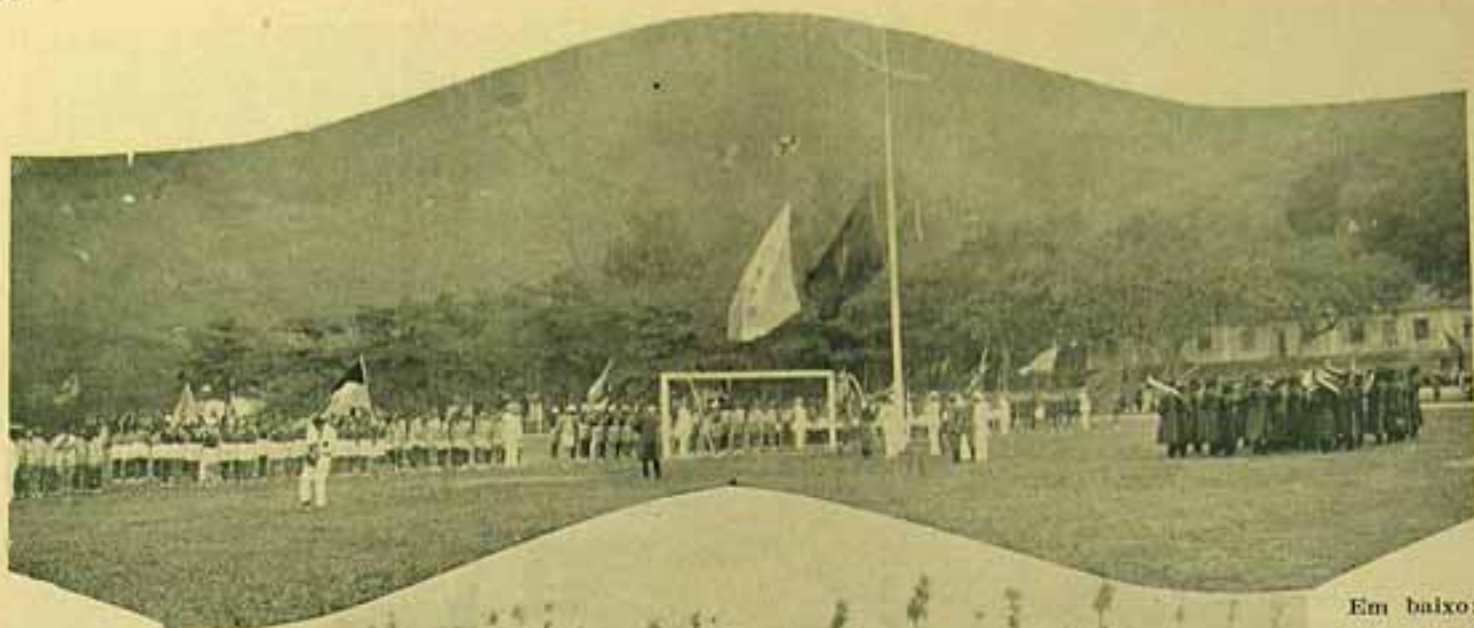
Senhora Nazareth Prado, que acaba de publicar um livro sobre seu pae: "Antonio Prado e sua acção no Imperio e na Republica". Livro de amor e de verdade, recebido com elogios unanimes.

tura assim, com um vestido assim. Depois, ninguém esqueceu que essa brasileirazinha do Paraná quasi que foi Miss Universo. Só fal-

tou ir a Galveston. Ella foi-se embora quinta-feira para Curityba O Rio já está com saudade. Volta depressa, Didi!

Baile de sabbado passado no Praia Club, em Copacabana





Em cima:
inauguração
do Centro
de Educa-
ção Physica
na Forta-
leza de
São João.
No meio:
missa cam-
pal na Es-
planada do
Castello.



Em baixo:
peregrinação
ao marco
da cidade,
na Forta-
leza de
São João,
promovida
pelo Centro
Carioca.

Dia de São Sebastião

Dia do Rio de Janeiro





— É uma desgraça! Os theatros andam vazios! Todas as peças caem! Dissolvem-se companhias! Não tarda a miséria para os artistas!

— Quem tem a culpa?

— O governo, está claro...

(Desenho de Guevara)

E O P U B L I C O ?

Na pesquisa a que todos nos entregamos das causas da decadência do theatro, como diversão, no R'io, distribuímos as responsabilidades, culpando os artistas, os empresarios, os autores e até a critica. E o publico tem sido esquecido e, no entanto, elle concorre decisivamente para esse estado de cousas.

É muito reduzido o numero de pessoas que frequentam assiduamente os theatros. Quem vai ás "premiéres" sabe disso. Vê sempre as mesmas caras. Tem-se até o desejo de cumprimentar os que vão chegando, tão familiares são as physionomias. É essa mela duxia que vai decidir do exito de uma temporada ou da carreira de uma peça. A massa virá se repercutir, lá fóra, o successo do espectáculo.

Mesmo, porém, alcançado o successo não se póde contar absolutamente com o publico. A população do R'io conserva, com pertinácia, seus hábitos aldoes. Se está fazendo calor, não vai ao theatro porque só sente calor no theatro. Se cáe uma chuva refrescadora, não vai ao theatro porque está chovendo. O carioca tem verdadeiro pavor da chuva. Não comprehende que se possa sair de casa quando chove e só são, a força, para o traba-

MARIO NUNES
lho, assim mesmo maldizendo-se, julgando-se a creatura mais desgraçada do mundo. Daí o ser precarissima a vida dos theatros no verão.

Mas não é só isso. Parece que falta ao publico sensibilidade. Nada o enthusiasma, nada o faz vibrar. Não exterioriza, pelo menos, suas emoções, e sua frieza, real ou apparente, é um outro obstaculo, e sério, á expansão do

Lectícia Flóra, que foi da Companhia do Theatro Casino.



theatro. Se gosta, volta; se não gosta, desaparece. Mas gostando, quasi não transmite a outrem sua impressão, e assim deixa de prestar auxilio que seria precioso para o triumpho do emprehendimento.

Observando os factos mais de perto, chego mesmo a pensar que não existe, em absoluto, amor pelo theatro. Ha curiosidade, curiosidade apenas. E satisfeita, nada mais ha a esperar. Por isso dão dinheiro, entre nós, os chamados "tiros theatraes". Uma grande reclame em torno de uma peça ou de um artista e theatro repleto, mas só naquella noite, bem entendido. E, quando nos visita uma celebridade mundial, cada uma das pessoas que frequentam theatro procura ir veia uma vez. E ficam satisfeitas. Pouco importa a mudança de peça ou de programma. Já viram, não precisam ver segunda vez...

É um publico assim que tem de ser trabalhado pelas empresas theatraes. Nem foi por outra razão que o empresario Celestino Silva maliciosamente determinou no seu testamento que se deitasse abaixo o Theatro Apollo, que era seu, e no seu lugar se edificasse uma escola...

E lá está ella na rua do Lavradio.

A
Com-
panhia
de
Revistas
do
Recreio
está
licando
um
caso
muito
sério



Antonio Neves não tem medo do calor nem do Carnaval. Crise para elle é uma palavra sem sentido. O Recreio tinha Aracy Côrtes, Olga Navarro, Zaira Cavalcanti, Elsa Gomes. Tinha também Lelita Rosa. Lelita Rosa foi-se embora. Appareceram aqui, rumo de Buenos Aires, Tina Jarque e Isabelita Ruiz, que a última temporada da Companhia Velasco apresentára ao Rio. Antonio Neves não quiz que as duas estrellas fossem para Buenos Aires. Porpoz-lhes contracto. E o theatro do fim da rua do Espirito Santo ganhou Isabelita Ruiz e Tina Jarque. A nova peça de Luiz Peixoto e Marques Porto está ali está nos centenários.

Virá de Londres uma nova forma do burlesco no theatre?

Sir Nigel Playfair teve a idéa de organizar no "Lyric Hammersmith" um espectáculo que é uma verdadeira festa do "humour".

A primeira peça apresentada é "The Critic", de Sheridan.

Não se trata de uma novidade, mas a interpretação accentua de modo esfusante os característicos do theatre inglez, de modo que se verifica a todo instante que a satyra brilhante de Sheridan continúa cheia de actualidade.

As personagens de Sir Tretful Plagiary, Don Fero-lo Whiskerandos (ambos interpretados por D. A. Clark Smith), Puff (James Dale), signor Pasticcio Ritorcelli (Scott Russell) e Tilburina (Marie Ney) são especialmente interpretados com trío irresistível.

A grande novidade, porém, deste espectáculo, é a peça de M. A. P. Herbert, "Deux Gentlemen du Soho". É uma troça muito bem fel-



CORNELIA OTIS SKINNER
Disease ...

Depois de diversos annos de theatre, Cornelia Otis Skinner, abandonou a carreira de seus paes, Otis Skinner e Maud Durbin, para se tornar uma recitalista, creando numa noite doze personagens differentes, em vez de um só.

Como Ruth Draper, ella mesma escreve seus "sketches" que são de concepção elevada; faz, porém, mais successo na comedia ligeira e no genero terno.

Os americanos, fóra de sua patria, constituem, para Cornelia, uma mina de ironia, sem maldade, entretanto. Creou um typo de Americana, joven estreante ás voltas com as difficuldades da lingua Franceza e os mysterios do telephone na França; um outro, a moça que destôa barbaramente na Capella Sixtina, por mostrar demais a sua origem meridional, e o outro ainda, a mulher de meia-idade, conversando com o marido, toda sentimental, numa gondola. Miss Skinner deixou "Bryn Maur"

para estudar theatre em Paris. Deu uma série de espectáculos nocturnos aos domingos, em Nova York e este verão vai representar em Londres, no "St. James's Theatre"

ta da famosa tentativa de representar Shakespeare com vestuários modernos.

Imaginem os frequentadores de um club nocturno, gente de hoje, inteiramente, no movimento ultra-moderno, exprimindo-se no estylo do tempo da Rainha Elisabeth, com as melhores metaphoras da época, o mesmo, por exemplo, que se parisien-ses farristas falassem a lingua de Ronsard.

Dahi resulta uma nova forma do burlesco, extremamente engraçada.

O contraste entre as duas épocas, o anachronismo constante, o facto da grandiloquencia de outr'ora não se adaptar á vida moderna, principalmente no papel do detective disfarçado, Plum (Scott Russell), tudo isso compõe uma parodia deliciosa, onde mais de um actor estrangeiro poderá se inspirar, afim de obter effeitos de um comico inesperado.

Sir Nigel Playfair, a quem se deve assim mais uma iniciativa notavel, diz os prologos das duas peças, com uma arte consumada em variar a sua maneira, tendo obtido um successo muito merecido

FELICIDADE

COMEDIA EM 3 ACTOS

DE
**BRASIL
GIBSON**

(CONTINUAÇÃO)

Sente-se ali, na
quella poltrona.

Evaristo. —
(Confuso) Como é
que eu faço? Don
Juan? (Senta-se).

O porteiro. —
Don Juan!...

SCENA II

OS MESMOS E
LOLITA.

Lolita. — (Uma
mulher de luxo, de
olhares complicados,
com attitudo de mulher fatal.) Bon
soir. Ninguém me telephonou?

O porteiro. — Ninguém, Ma
dame.

Lolita. — (Fita Evaristo e per
gunta ao porteiro) Quem é?

O porteiro. — (A Lolita, a
meia voz) Tem dinheiro...

Lolita. — Quanto?

O porteiro. — Uma tonelada...

Lolita. — (Dirige um olhar
provocador a Evaristo. Elle tenta
um cumprimento amavel. E o por
teiro chama-o com o dedo, piscan
do o olho. Evaristo vem, timido.

Lolita afasta-se para o lado com os
seus olhos enormes.)

O porteiro. — Esta... avance...

Evaristo. — Como se chama?

O porteiro. — Lolita.

Evaristo. — Hespanhola?

O porteiro. — Veiu da Hespa
nha muito creança.

Evaristo. — E o que mais?

O porteiro. — Casada...

Evaristo. — E o marido?

O porteiro. — Em Santos...
Evaristo. — Meu Deus... O
que é que eu digo a ella?
porteiro. — Faça de conta
que é Don Juan... Diga coisas
lindas... sabornas... E' uma
mulher que não cabe assim...

Evaristo. — Se eu fracassar,
você me ajuda?

O porteiro. — Entre com confi
ança... Seja homem...

Evaristo. — (Approximando-se
de Lolita) Madame...

Lolita. — Deseja alguma coisa?

Evaristo. — Muita coisa!

Lolita. — Eu sou uma mulher
honesta!

Evaristo. — Eu seria incapaz
de falar com uma mulher que não
fosse honesta...

Lolita. — Diga então o que de
seja de mim...

Evaristo. — (Com ares galan
tes) Render uma pallida homena
gem á sua belleza...

Lolita. — E' tão gentil...

Evaristo. — Não é gentileza...
é dever...

Lolita. — O Doutor não tem o
dever de elogiar-me...

Evaristo. — O dever de todos
os homens elegantes é render ho
menagens ás mulheres bonitas...

Lolita. — Mas eu não sou as
sim tão bonita...

Evaristo. — E o brilho estran
ho dos seus olhos?

Lolita. — Nem tanto assim...

Evaristo. — Parecem dois ho
lophotes de um couraçado inglez
iluminando o Atlantico...

Lolita. — A imagem é bonita
demais para mim...

Evaristo. — E a sua bocca?

Lolita. — Uma bocca pintada
de carmin...

Evaristo. — A sua bocca deve
ter o gostinho de uma pitanga...

Um gostinho doce de que não é
bem doce... A gente tem vontade
de pedir bis antes de começar...

Uma bocca appetitosa... Bocca
feita para beijos enormes... do ta
manho do Palacete do Martinelli.

Lolita. — Uma bocca sem im
portancia, que ficaria pallida com o
primeiro beijo...

Evaristo. — E na nuca? Nun
ca lhe devarm beijo na nuca?

Lolita. — O senhor me encabu
la com a sua indiscreção...

Evaristo. — E os seios? Uma
taça de sorvete cor de rosa com um
morango bem no meio...

Lolita. — Que peccado!

Evaristo. — (Fitando as pernas
de Lolita) Duas pernas agéis, bem
torneadas, bem senauaes, valem por
uma mulher inteira... Eu enfren
taria o mundo para conquistar este
sorriso, que não quer ser meu...

Eu sou um timido...

Lolita. — Depois do que me
disse? Meu Deus! como não será
um homem atrevido?

Evaristo. — Se eu fosse um ho
mem atrevido, faria outras coisas
mais graves...

Lolita. — Faça! Não vá que
tem coragem...

Evaristo. — (Da-lhe, de impre
visto, um beijo na nuca).

O porteiro. — (Num gesto de
assombro, mette a garrafa na boc
ca).

Evaristo. — Gostou?

Lolita. — O senhor manchou a
minha honra!

Evaristo. — A primeira mulher
que poz a honra no pescoço...

Tobias. — Com esse bigode
guarda-livros?

Evaristo. — O bigode não
tem importancia.

D. Isabel. — Só se o senhor
cortar o bigode, seu Evaristo!

Tobias. — Dona Isabel tem ra
ção. Corte o bigode, seu Evaristo...

Evaristo. — Coitado do meu
bigode... (Passa a mão no bigode
com carinho) Meu companheiro
inseparavel em 30 annos de uma vi
da tão sózinha... Eu e elle... As
quatro paredes de um quarto pe
queno... E mais ninguem no
mundo... Eu apenas para fazer
lhe caricias... Mas se o destino
quer... Se é para a minha felici
dade... (Resignando-se) Dona Isa
bel, corte o meu bigode!...

D. Isabel. — (Que tem uma te
soura na mão) Sente-se aqui...
(Evaristo senta-se).

Tobias e Bernardo. — (Com a
melodia da "Vechia Zimarra") Ve
lho bigode... meu querido... meu
velho bigode...

CAHE O PANNÓ

Fim do Primeiro Acto.

Acto Segundo

(Hall de hotel de luxo, á meia
noite. Combinação de luzes fracas.
Duas poltronas. Uma especie de
balcão com um telephone em cima.
Por traz do balcão ficará o portei
ro, dentro de uma farda bonita. Es
se porteiro tem o vicio de beber.
Mas mantém, na acção da bebida,
uma grande austeridade de gesto.
De vez em quando, nos momentos
oportunos, tira de um esconderijo
uma garrafa e bebe um gole).

SCENA I

EVARISTO E O PORTEIRO

(Ouve-se fóra o rumor de um
auto que parou. Depois entra Eva
risto. Outro homem. De casaca).

O porteiro. — (Vendo-o) Boa
noite, Doutor. Que numero?

Evaristo. — 328...

O porteiro. — (Entregando-lhe
a chave) Boa noite, Doutor...

Evaristo. — Boa noite... (Vae
sahindo. Depois volta) Você é um
homem de boas intenções?

O porteiro. — Muito boas!

Evaristo. — Então vou lhe fa
zer uma confidencia.

O porteiro. — Eu sou o confi
dente mais conhecido do hotel,
Doutor.

Evaristo. — Eu preciso amar...
E' difficil?

O porteiro. — Muito facil,
Doutor. Uma coisa que todo o
mundo faz...

Evaristo. — Aqui?

O porteiro. — Aqui, tambem...

Evaristo. — Todas as mulheres
daqui amam?

O porteiro. — Todas...

Evaristo. — Você não acha que
agora eu posso fazer umas declara
ções? E' meia noite. Ha por aqui
pouca gente... Eu sou meio ti
mido...

O porteiro. — A's vezes, a ti
midez é uma virtude, Doutor... Ha
mulheres que gostam de tudo...

Evaristo. — Eu pensava que
ellas só gostassem dos piratas...

O porteiro. — Algumas gos
tam. As novas, por exemplo. As



ANITA LOOS
por
William Grimm

O porteiro. — (Bebe outro gole) A' saúde, Doutor!

Lolita. — Mas com que pirata eu me metti! (Toma uma atitude de raiva. Caminha como o quem quer sair) Sem vergonha... (Depois retrocede) Vamos com mais um pouco de calma... Lembre-se de que eu sou uma mulher honesta...

Evaristo. — Eu seria incapaz, minha senhora, de render homenagem a uma mulher desonesta...

Lolita. — Assim está melhor... Sente-se aqui... Vamos falar de outra maneira...

Evaristo. — Falemos então de amor...

Lolita. — O amor... Quantas vezes o senhor já amou?

Evaristo. — Eu dediquei a minha vida toda ao amor. Sou um escravo de paixões sensacionais. Duas mil mulheres já passaram pela minha vida!

O porteiro. — (Bebe outro gole)

Lolita. — Duas mil mulheres? Então o senhor foi um Pachá?

Evaristo. — Fui tyranno e martyr de corações femininos. Sofri e fiz soffrir. Se sou hoje um homem feliz, devo ao amor essa felicidade. Assim como ninguém soube e como ninguém pôde amar ainda na vida!

Lolita. — Provocou suicídios, tragédias, mortes mysteriosas? Teve o retrato nos jornais com esta legenda: — "O homem que perturbou o coração ingenuo da suicida"?

Evaristo. — Se tiver! Uma porção de vezes!

Lolita. — Conte-me, então, uma das suas paixões... Eu sou louca pelos homens fataes! O senhor, também, não é louco pelas mulheres fataes?

Evaristo. — São a minha especialidade...

Lolita. — Conte, conte! Eu quero saber como foi...

Evaristo. — Esta foi em Monte Carlo. Eu tinha ido a Madrid, receber a sorte grande da loteria de Hespanha. Passei dois meses no "Hotel de Paris". A estação estava muito animada. Na sala de jantar, perto da minha mesa, sentava-se uma mulher de uma belleza integral. Andava sempre de preto. Não sorria. Não falava com ninguém. Era uma sensação. O hotel inteiro não tirava os olhos della. E os olhos della não prestavam a menor attenção ao hotel. Eu fiquei doido de amor por essa mulher estranha. Metti os meus olhos dentro dos olhos della. Insistia. Insistia. Parecia um doido. E ella não sabia da sua indifferença.

Lolita. — E depois?

Evaristo. — Morava no mesmo andar. Dois quartos antes do meu. Nesta noite, o porteiro me disse: "Vae embora amanhã..." Tudo perdido... Fui jogar, para esquecer. Perdi milhões. Fui para o hotel ás duas horas da manhã. Deante do meu quarto o meu coração bateu com força. E se eu entrasse...

Lolita. — Entrou?

Evaristo. — muito, muito mais grave! A porta abriu-se! E uns braços brancos puxaram-me para dentro! Foi uma loucura! (Bebe) Separamo-nos ás dez... Não disse como se chamava nem para onde ia... Disse apenas que me amava...

Lolita. — Nunca mais a viu?

Evaristo. — Nunca mais

O porteiro. — (Bebe outro gole)

Lolita. — E' uma aventura que deixa saudade...

Evaristo. — Ha outra que deixa remorso...

Lolita. — Uma tragedia?

Evaristo. — Um suicidio... Foi a primeira amante que eu tive. Era louca por jolas. Jogava muito, tambem. Mas eu tinha uma paixão louca por ella e ella por mim. Nesse tempo eu não tinha ainda muito dinheiro.

Lolita. — Ella gastava tudo?

Evaristo. — Em jolas e no jogo. (Com emoção) Em Londres... No Carlton... Eu estava arruinado... Havia uma unica solução... O suicidio... Resolvi afogar-me no Tamisa. Escrevi-lhe um bilhete — "A minha vida é um caso perdido. Sigo para a morte. A causa está em você. Olhe um instante para o espelho..." Olhou. A sua cabeça, e o seu collo eram uma joalharia. Tirou todas as jolas. Pisou-as. E deu um tiro no coração...

Lolita. — E você, como é que está aqui? Você não se suicidou?

Evaristo. — Nessa noite, o Tamisa estava muito secco...

Lolita. — (Emocionada) Você tem um coração de pedra...

Evaristo. — (Aproveitando essa emoção) Você nunca amou um homem com coração de pedra?

Lolita. — Tenho medo...

Evaristo. — Experimente... O meu está ás suas ordens...

Lolita. — (Meio vencida) Não... tenho medo.

SCENA III

OS MESMOS E UM HOMEM MOÇO.

O homem moço. — (Entra e olha para os dois com um espanto especial)

Lolita. — (A Evaristo) Meu marido...

Evaristo. — E agora? Elle está armado?

O homem. — (Approxima-se) Quem é este cavalheiro?

Evaristo. — (Com confusão, apresentando-se) Evaristo, um seu creado...

O homem. — E' teu amante?

Lolita. — Meu amante... Você está doido... E' um cavalheiro amavel... Prestou-me um grande serviço.

Evaristo. — Muito importante!

O homem. — Explique-se! (Põe a mão no bolso de traz da calça)

Evaristo. — O senhor vae matar-me?

O homem. — Conforme.

O porteiro. — (Intervindo) Doutor, não faça isso! Não houve nada de mal! Eu sou um homem timido!

O homem. — Conte o que houve!

O porteiro. — Este senhor estava conversando commigo, quando chegou a sua senhora. Ella me perguntou se eu não podia dar-lhe uma explicação sobre a broca do café. Então, eu lhe apresentei o senhor

Evaristo, que é um fazendiro, um homem sério. Não é verdade, Dona Lolita?

Lolita. — E' verdade.

Evaristo. — Como o senhor vê, eu não tinha más intenções. Eu não tenho culpa de entender de broca do café...

O homem. — (Guardando o revolver) Amanhã veremos se o Dr. entende de broca do café... Por hoje a explicação me satisfaz. Muito boa noite!

Evaristo. — Boa noite...

Lolita. — Boa noite, senhor Evaristo. Muito obrigada...

Evaristo. — Não ha de que...

Lolita. — (Ao desaparecer, vira para Evaristo os seus olhos enormes e joga-lhe um beijo. Evaristo, tremulo, faz-lhe um gesto de profunda censura).

SCENA IV

O PORTEIRO E EVARISTO

O porteiro. — O senhor está feito, senhor Evaristo! Meus parabens!

Evaristo. — Mulher casada? Don Juan? Nunca mais! Vou mudar de tactica.

O porteiro. — Eu vou dar um jeito...

Evaristo. — Foi o destino que não quiz. Muitas vezes, o destino chama-se marido...

O porteiro. — Este parece que é camarada. Tem umas acções de petroleo para vender...

Evaristo. — E se eu comprar umas acções?

O porteiro. — Póde ser que elle permita umas palestras aqui no "hall", com a minha fiscalização...

Evaristo. — Só no "hall"?

O porteiro. — Naturalmente...

Evaristo. — Não me interessa... Eu quero um amor com mais aventura.

O porteiro. — Esperemos que chegue uma outra...

Evaristo. — E eu tenho que bancar outra vez Don Juan?

O porteiro. — Póde-se arranjar uma outra attitude. Romantica, por exemplo.

Evaristo. — Pallavras doces?... O porteiro. — Isso mesmo.

Evaristo. — Poesia... Canções... (Canta) "Hontem ao luar — conversação"...

O porteiro. — Tango argentino...

Evaristo. — Tango eu não sei...

O porteiro. — Eu assobio... O senhor canta... (Tira do bolso um papel) Tem aqui uma letra. Quando eu assobiar o senhor entra com...

O porteiro. — O jogo...

Evaristo. — Cantando?

O porteiro. — E' logico.

Evaristo. — Aqui? de pé?

O porteiro. — Naquella poltrona, sentimentalmente...

Evaristo. — E' outra coisa...

Elle entra... vê... escuta... comove-se... e eu entro com o jogo...

O porteiro. — Isso mesmo!

Evaristo. — Vamos esperar-a... (Senta-se... Accende um cigarro. Lê o que lhe deu o porteiro).

SCENA V

ELVIRA E OS MESMOS

Elvira. — (Uma mulher de olhos humidos) Boa noite Jacob... Ninguém me telephonou?

(Continúa no proximo numero)



MEDUSA

por

Marie Laurencin



ESTÃO effectuados alguns e muito bem encaminhados outros, os trabalhos de Chana Orloff. Ella creou, com estylo todo seu, num periodo, quando o importante era tender para a escultura sucessora dos archaismos de Bourdelle ou da objectividade classica de Maillol.

Seu estylo resolve, reciprocamente, dentro do descobrimento do vocabulario plastico contemporaneo, a materia sujeita. Chana Orloff é uma das poucas escultoras que têm sido habil em tratar typos modernos, em aproveitar a nova plasticidade do que é fatuamente realista ou superficialmente chic.

Nasceu na Ukrania, em 1888; chegando em Paris em 1910, afim de estudar decorações na école des Artes Décoratifs.

Curioso, no moderno ponto de vista de escultura, é a origem muito por dentro estabelecida na tradição russa.

Uma fantasia exotica e certo sacerdotal formalismo escutou, recuando para traz a candidez que o artista russo privou inteiramente em suas primeiras expansões creadoras.

Desde sua primeira exposição, no "Salon D'Outomne", em 1913, Chana Orloff identificou-se perfeitamente com o moderno movimento na França.

Sua recente exposição na "Weyhe Galleries", foi a primeira em que ella expoz só na America.



CHANA ORLOFF



NO CLUB CENTRAL, EM NICTHEROY

As Bodas de Prata do casal Augusto Henrique Corrêa



de Sá — Helena do Amaral Corrêa de Sá reuniram toda a alta sociedade da cidade vizinha numa festa cordialíssima.





Museu do Ypiranga, em São Paulo

D a t e r r a d a g a r ô a

Não deixa de ser curioso saber-se, ao certo, a quantas andamos. As estatísticas organizadas com a preocupação do detalhe deveriam interessar os governos, quasi tanto como a boa arrecadação dos impostos... A estatística, hoje em dia, parece-me indispensável e os resultados a que chega mereceriam maior divulgação, já apresentados, em conjunto, como os apuram as repartições competentes, já servindo de assumpto para chronicas e artigos de revistas e de jornaes.

Aposto que se eu perguntar aos leitores do "Para todos..." se elles desejam saber, com segurança, quantas casas o Rio construiu no anno que findou — todos elles responderiam affirmativamente e talvez até gostassem de saber mais um pouco, indagando se em 1929 levantaram-se mais edificios do que em 28, a que se destinavam elles, e tanta outra coisa ainda. Confesso, no entanto, que por falta de elementos não me seria possível satisfazer a curiosidade do publico, quanto ao Rio de Janeiro. Já quanto a São Paulo, o mesmo não direi. Muitas vezes nestes pedaços de prosa tenho-me referido com certo entusiasmo ao desenvolvimento paulista, ao crescimento desta cidade, tão rica em mulheres bonitas que a gente só vê de vez em quando nas casas de chá do "Triangulo", nas noites de assignatura do Municipal, ou através o crystal das "limousines" fujonas que passam pela Avenida Carlos de Campos, nas tardes de corso... São Paulo se continuar na marcha em que vae, dentro em breve rivalisará com Nova York, não digo na altura dos arranha-céus, mas na quantidade das construcções altas. Quantas casas se edificaram na terra da garôa em 1928? Querem saber? Seis mil oitocentas e sessenta e sete! 6867! Apenas! Vale isso por dizer que se faziam dezenove predios por d'a. Em 1929 o numero de construcções manteve-se bem alto ainda, pois attingiu elle a cinco mil seiscentos e dezoito. Ora, uma capital em que surgem, em dois annos, quasi doze mil e quinhentas casas, é, de certo, uma cidade em extraordinario desenvolvimento. Nella se poderia passar o que se passou em Madrid com o hespanhol da anedota que varias vezes contrariado e ferido em seu bairrismo pelo yankee a quem servia de "elegerone", deixou-o "enfoucé" quando, ao passar por um bello e grande immovel, a uma pergunta do americano, respondeu calmamente: "Homem, este, com franqueza, eu não sei a que fim se destina. Ainda hontem, á tarde, por aqui passei e nada havia, nem mesmo os allcerces". E, sereno, acrescentou: "E' verdade que em Madrid se constrôe com certa rapidez..."

Os paulistas têm, de facto, razão para se orgulharem. Só quem vive um pouco entre elles pôde avaliar do seu espirito de iniciativa e dos seus empreendimentos. Os estabelecimentos de diversões são magnificos. Não ha muito tempo o senhor Martinelli dotou a cidade de um cinema admiravel e luxuosissimo. Em 1929 construíram-se cinco grandes theatros, que servem á arte muda. Ha cerca de seiscentas garages inteiramente novas, e modelares. Não se devem esquecer tão pouco as reformas e as ampliações em predios já existentes, as quaes attingiram no ultimo biennio a um total impressionante de dezoito mil oitocentos e noventa e uma.

Parece que Aladin anda por estas ruas com a sua lampada milagrosa a operar transformações com uma rapidez estimulante e quasi inverosimil. Tambem, a população cresce extraordinariamente, o formigueiro humano augmenta todos os dias, o numero de vehiculos particulares multiplica-se. Se o pombal não augmentasse, como se haveria de alojar todo esse mundo de gente que aporta de todos os cantos do globo? Seria, na verdade, um horror! Uma calamidade! Felizmente, no entanto, não ha, por aqui, a chamada crise das habitações. E uma lei de inclinação, absolutamente não faz falta. Mora-se bem e relativamente barato. As casas de appartamento facilitaram bastante a accommodação da população sempre crescente de São Paulo. E a prova é que ha milhares de casas vazias, espalhadas pelos bairros mais pittorescos da cidade...

E' possível que, diante disso, a febre de construcções diminua de intensidade. Aliás, já nos ultimos mezes do anno passado, comparadamente aos de 1928, houve uma sensível diminuição no empreendimento de novas obras.

O certo é que o paulista tem muita preocupação do conforto interno. O interior dos palacetes de Hygienopolis, do Jardim America, da Avenida Paulista, da Acclimação impressionam muito agradavelmente e dão uma idéa exacta do cuidado que merece do paulista civilizado e rico o ambiente em que vive. O clima, de resto, favorece bastante o aproveitamento do bom gosto e do senso esthetico. As casas de aluguel não ficam atraz. Os appartamenti têm qualquer coisa de europeu. De maneira que quando chove e faz frio e a gente não vae á rua, tem-se uma leve impressão de que se está em Paris... Reconstituem-se, pelo menos, na imaginação scenas que deixaram saudades na alma de quem teve a ventura de correr o Velho Mundo... — SALVADOR ROBERTO.

Ciranda, cirandinha

De posto em posto

Ciranda desta Vida...

Menina, vamos todos cirandar.

Não, neste forno aberto da Avenida,
que, hoje, uma só ciranda nos convida,

— a do banho de mar.

E' só tomar um "taxi" e ir, de corrida,
através da Avenida,

que o posto VI está, lá longe, a nos
chamar...

Você muda de roupa

(Nem reparei, você quasi não está
vestida.)

Muda de roupa ou vai com a mesma
roupa,

e o mais é sôpa

— cair nas ondas e refrigerar...

Hontem, no posto II, não vi você,

Nem no III, nem no IV.

E já estava bem farto

de procurá-la, quando a Sylvia e a
Haydée

disseram que você

estava com o Solinger e o Scadarto

(que dupla! o americano

e o italiano!)

e eu, minha garça de olhos de per-
vinca,

logo pensei — que trinca!

E tive ciúmes sem saber porque...

Depois, no posto VI, esqueci tudo.

O mar tinha carícias de velludo,

e a praia, nos seus trefegos meneios,

mostrava as pernas e escondia os seios

tal qual as moças que se vão banhar...

E, agora, neste forno da Avenida,

com este verão canicular

— Ciranda desta Vida! —

Menina, vamos todos cirandar,

vamos correr, com os braços, a corrida

da natação, vamos correr no mar.

A Maud já vem do banho. Elegan-
tíssima!

A Dorinha é uma tãagra-sereia.

E aquella belga, que atravessa a rua,
parece feia,

mas não é feia assim, vai quasi nua
em sua fealdade,

e, feia e nua, é Sua Majestade,

e Sua Majestade desnudíssima.

Corro o olhar ao passeio:

toda a cidade veio

ver os banhos de mar.

Sinão toda a cidade, a gente chic
desce da sua "Chrysler", do seu

"Buick".

e vem apreciar,

e vem espáírecer,

uns vêm só para ver,

outros apenas para se mostrar.

Despida, na Avenida

ou no banho vestida,

a questão é saber dissimular...

— Ciranda desta Vida!

Menina, vamos todos cirandar.

B r a z G a r o t i n h o

O escultor Umberto Cozzi modelando
a cabeça do poeta Francesco Pastonchi, no
seu atelier da praia da Lapa. Olegario Marianno
conseguiu ficar quiéto durante uma hora, assistindo.

Senhor Pedro Vicente do Couto,
vice-consul do Brasil em Kobe e seus
alunos de portuguez, do 3º anno da Uni-
versidade Commercial daquela cidade do Japão.





Collação de grão no
Collegio Pedro II — Entrega
de diplomas pelo Presidente da
Republica aos novos officiaes — Expo-
sição de trabalhos das alumnas do Collegio
Emulação — Baile do Syndicato Medico —
Encerramento de aulas do Collegio Resen-
de — Homenagem ao Prof. Irineu
Etalagueta — Festa no
Asylo São Cornelio.



GENTE
QUE
A
GENTE
NÃO
VIU...

CONDESSA MARGITT BETHLEN

Esposa do Primeiro Ministro da Hungria, é uma das mais fascinantes figuras da literatura theatral européa. Suas peças têm sido levadas com grande sucesso na Italia, Allemanha, na Tcheco-Slovaquia.



GEORGE GERSHWIN

Musico americano, autor de notavel „Concerto in Fá”. Apesar de clasico, tem escripto musicas populares cheias de encantamento. Baseado no „Dybbuk”, está fazendo uma opera para o „Metropolitan” de New York.



JAMES JOYCE

O maior escriptor que a lingua ingleza tem. Nasceu em Dublin. Escreveu: „Musica de Camera”, trinta e seis poemas de menos de uma pagina; „Gente de Dublin”, novellas; „Retrato do artista na sua juventude”; „Ulysses”, o seu livro mais famoso. E está concluindo o trabalho definitivo, afastado da face do mundo, longe da gravitação universal, noutro idioma, sem regras e sem tradições, vivo, estonteante.

CELEBRIDADES UNIVERSAES

Carl Milles, o melhor discipulo de Rodin. Suas creações artisticas ornamentam innumeras cidades da Europa. Interessante paysagista. Philantropo, planeja deixar aos moços artistas e pobres a linda vivenda que possui na Suecia. Está agora nos Estados Unidos, trabalhando num monumento destinado á cidade de Chicago.

CARL MILLES



MAS
QUE
ADMIRA
E
QUER
BEM

ACTRIZ SYLVIA SYDNEY

Uma das primeiras do grande grupo de jovens artistas que abandonaram o theatro por Hollywood. E' provavel que o cinema a retenha, pois ninguem mais do que Sylvia Sidney é theatral: na comedia, e na tragedia.



IVAN PETROVICH PAVLOV

Ivan Petrovich Pavlov é o maior physiologista vivo; seu livro „Discursos sobre Reflexos condicionaes” é de indiscutivel valor. Recentemente recusou uma celebração official sovietica no dia de seu anniversario.





De Elegância



EIXA-TE de preguiça.
Vem. O dia está lindo.
Faz calor, é verdade,

mas há tanto sol, tanta luz, céu tão azul que seria peccado ficar em casa. Vou vestir-me. Prompta talvez te animes, e, em vez de me acompanhares por acompanhar, ficarás contente de me ver elegante. Esboças um sorriso? Vejo que a minha tagarelice serve para alguma coisa.

E, rapidamente, surjo a teus olhos num "chic" parisiense; sapatos de pelica branca com vizes de couro amarello, meias café com leite como a sala de kasha... Ainda não me viste assim, de saia e blusa, a cintura presa, bem marcada por um cinto de camurça havana. Silhueta moderna. Na blusa chammagne o monogramma preto, vermelho e azul. A' cabeça o panamá. Não é que me ia esquecendo do lenço com as tonalidades do monogramma da blusa? Onde o puz, santo Deus?

Na gaveta da penteadeira... Não. Na do armário... 'a do centro... E essa! Que cabeça! Na caixa de chapéus! Se isso é lugar de lenços. Só mesmo eu me lembraria dessa novidade. O vaporizador... Perfumo-me, retoco os lábios... Não

gostas de muito "rouge"... Disfarço, apenas, a palidez. Prompta. Que atrazo? Não vaes? Porque não me disaste antes? Nem me teria vestido. Ficaria com o meu pyjama japonês, aquele de seda que tanto querias. Sim, porque já lhe não ligas importancia alguma. Pouco importa. Ligo-lha eu. Talvez mais tarde decidas um passeiozinho. Pensando bem, tens razão, muita razão. Está quente. Iriamos estragar a vista com a claridade excessiva e talvez te viesse a

enxaqueca... Não gostaste? Melhor. Gostarás logo à tarde de me ver num vestido de musselina estampada de azul, lacre e laranja e aquella finissimo feltro atrevidamente levantado na testa. Resmungaste?... Fala mais alto... Anda... Não vale a pena dizer as coisas entre dentes. Não sahirás de casa? E por que? Longe da veitice "ainda" estás... "Ainda", repito. Vou sahir mesmo, entendes? Quer queiras quer não vou para a rua. Não vens comigo, nem quero ficar contigo. Dois vestidos novos. Para que os fiz?... Sabes que mais? Saio mesmo. Nem que seja até a esquina... à beira do cães... Oh! que bella idéa. Num omni-



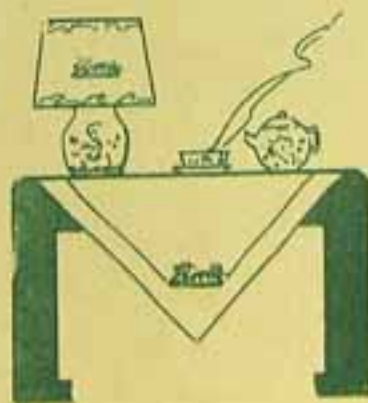


bados plissados: vestido para a noite, de crêpe da China azul enfeitado de renda: "ensemble de drap azul marinho; costume de veludo preto e blusa de crêpe branco; vestido de crêpe lacre trabalhado em pregas; vestido de crêpe preto e gola de renda.

Secção de agulha: Miniatura do jardim de "Madame Chrysanthème", para bordar roupa branca e roupa de crianças. Linha brilhante e cores combinando com a tonalidade da fazenda.

"Para todos..." começa, hoje, a publicar bellosimos figurinos para as festas do Carnaval. E os numeros subsequentes e até que chegue o primeiro dos quatro dias dos grandes folguedos, o texto desta revista será enriquecido por fantasias do mais fino gosto e para mais requintada exigência.

SORCIÈRE



bus até a cidade. Quarenta minutos só. O tempo necessário para que traga algumas flores que te alegrem a misantropia... O tempo para que o meu "ensemble" não saia fóra da moda.

Os figurinos de hoje: tres chapéus da Casa Leblon; um vestido de "georgette" vermelho, saia muito em forma "plastron" e punhos brancos; vestido de crêpe da China verde guardado de veludo incrustado do mesmo tom; vestido de "muire" estampado de azul, amarelo, vermelho e branco; gola e punhos com la-

S E Diderot foi o verdadeiro chefe dos encyclopedistas, e o dirigente de suas obras, pôde-se dizer que sua praça forte, o lugar onde elles se reuniam mais á vontade e, onde mais se isolavam para melhor afiar as suas armas, e apromptar os meios de defesa e ataque, era o salão do barão d'Holbach.

— "E' lá que verdadeiramente, exclama Diderot, se fala de historia, politica, finanças, bellas-artes, philosophia." — "E' preciso dizer, escreve o excellento Morellet, que Diderot, e o generoso barão estabeleceram dogmaticamente o atheismo o — do Systema da Natureza, — e dizem coisas capazes de fazer calir, em vezes o ralo sobre a casa, se elle cabisse por esse motivo".

E' ainda o mesmo Morellet que, querendo em algumas linhas mais longas, relatar exactamente o aspecto desse salão, cujos hospedes faziam barulho no mundo inteiro, continúa:

"Uma graca de bom vinho, excellent café, muitas discussões sem jamais chegar a disputas, manei-ras delicadas como as de costume, em homens razoaveis e instruidos, sem degenerar em grosserias, uma sociedade verdadeiramente captivante o que, aliás poderia reconhecer-se a esse unico symptoma: Chegadas ás duas horas, como era de uso nesse tempo, todos nós lá ficavamos até ás sete ou oito horas da noite.

A figura do barão d'Holbach, era uma das mais curiosas do século XVIII, tão equitativa aliás em outras semelhantes. Esse nobre allemão, generoso, placido, e excellent amphitruão, era sobretudo um eco, mas um eco admiravelmente fiel das conversações philosophicas, que se aboçavam ao redor de sua mesa, dos systema de moral e de politica, que seus convivas discutiam entre a pera e o queijo.

Detado de prodigiosa memoria e de admiravel bibliotheca, parecia ter lido tudo, possuir tudo, conservado tudo. As más linguas pretendem que elle guardou somente aquillo que não merecia ser guardado, mas facto é, que era o typo perfeito do encyclopedista.

Diderot dizia muitas vezes: "Qualquer systema que a minha imaginação forge, estou certo que o meu amigo d'Holbach encontrará factos e autoridades que o justifique.

O barão d'Holbach tinha duas manias odiava a Deus de um odio todo pessoal, e procurava justificar-o nos males da historia dos povos, e accusava á Providencia como unica responsavel. Emfim adorava fazer bem, sobretudo aos artistas, letrados, e philosophos, pessoas a quem sempre faltava dinheiro, e a quem o generoso barão enchia os bolsos entre duas recepções.

Sobre o seu atheismo o barão era inexgotavel. A questão Deus o preocupava dia e noite. Apenas levantava-se, corria a sua secretaria e rubricava alguns dos seus pequenos manuaes que eram de uma aspereza de espirito revoltante. Goethe achava-o tão descazonado, que a primeira vez que os folheou, disse exultante "Cheiro de cadaver". De mais, esse atheismo intransigente duplicava-se em um senso de libertinagem muito vivo, o que fazia uma picante mistura.

No salão d'Holbach, cultivava-se o gracejo pesado, e não se manifestava nenhuma repugnancia pelo colloquio impudico, sobretudo quando as anedotas licenciosas, tinham por objectivo ridicularisar "essa machina que só serve para atrapalhar as questões, e que chamam Deus".

Por uma sorte de hypnotismo muito curioso, nessa assembléa de livres pensadores, onde o nome da divindade fazia desencadear uma tempestade de imprecacões, e onde riam francamente de tudo que dissesse respeito a religião, a palavra Deus, vinha como uma exclamação imperiosa em todas as conversações, e em meio de todos os debates.

Era repetido vinte vezes por dia, e não se sabe como, só delle se falava.

Entre mil anedotas relativas a esse assumpto — sempre da actualidade em casa d'Holbach — eis aqui uma que

O Salão d' Holbach Alphonse Séché et Jules Bertaut

nos conta Morellet e foi um dos episodios dessa guerra sem treguas, que os encyclopedistas haviam votado a Deus e á religião.

"Conversaram, disse Morellet, uma tarde inteira sobre esse assumpto, Diderot e Roux haviam argumentado a qui mirase mieux, e disseram coisas muito picantes.

"O abade Galliani, secretario da embaixada de Napoli escutou pacientemente toda essa dissertação, enfim toma a palavra e diz: — Senhores, senhores philosophos, vão muito depressa. Se eu fosse papa os enviaria ao tribunal da inquisição, e se fosse rei de França os mandaria á Bastilha, porém, como tenho á felicidade de não ser nem um nem outro, voltarei a jantar aqui na proxima quinta feira e os Senhores me escutarão como tive a pa-



A CASA DE D'HOLBACH
(De uma lithographia antiga)

ciencia de ouvir-os. — Muito bem, meu caro abade disseram todos, e os nossos atheus os primeiros — até quinta-feira.

Chega a quinta-feira — Logo após o jantar e o café, o abade senta-se numa poltrona, cruza as pernas, como era seu habito, e, como fizesse calor segura a perna em uma das mãos, e, gesticulando com a outra, começa mais ao menos assim: — "Supponho Senhores, que aquelle dentre vós, que mais convencido está, que o mundo é obra do acaso, jogando com 3 dados, não direi em uma espelunca, mais na melhor casa de Paris, e o seu parceiro ganhando uma vez, duas vezes, tres vezes enfim constantemente, e fizesse um gapto de seis, por pouco que o jogo durasse, o meu amigo Diderot, que perdesse assim seu dinheiro, sem hesitar um só momento diria: — "Os dados estão marcados acbo-me num lugar onde se rouba". Ah! philosophos! Como! Porque dez ou doze dados sahiram da cornucopia di-vineira que os fizeram perder seis francos, os Senhores acreditaram firmemente, que assim foi em razão de uma habil combinação, uma manobra artificiosa, de uma velhacaria bem urdida.

Vendo, entretanto esse universo prodigioso de combinações mil e mil vezes mais difficis, mais complicadas, mais conservadas, e mais uteis, etc. não

acreditam que os dados da natureza estejam tam-bem marcados, e que lá em cima ha um grande velhaco que faz o jogo para os enganar? Immediatamente todo o salão d'Holbach explode em calorosa discussão, uns defendendo o abade, outros protestante e o vilipendiando.

Em meio desse torneio oratorio em que os philosophos dispartavam com tanto entusiasmo, Diderot mantinha bem a sua parte, é que elle era inimitavel em palavras, eloquencia e calor, no salão d'Holbach, como era enxcedivel na improvisação dos seus escriptos.

Todos os que o ouviram foram unanimes em applaudir a sua prosa exuberante em idéas, epithetos, e paradoxos, atordoantes no espirito, incrível na ousadia.

A conversação de Diderot, diz ainda o abade Morellet, tinha grande poder, e grande encanto, sua discussão era animada de uma perfeita boa fé subtil sem obscuridade, variada nas suas formas, brilhante de imaginação, fecunda em idéas que despertavam a dos outros; e deixava ir assim, horas inteiras como sobre um rio suave e límpido, cujas margens fossem enriquecidas de campos e ornações de bellas habitações.

"Experimentei pouco prazer espiritual depois delle, e do qual nunca me hei de esquecer.

Roderer faz o seguinte retrato: "Diderot falava com extraordinario calor, e enthusiasmava pela impressão mesmo de sua voz, sua conversação tornava-se sempre em discurso.

Ouvi dizer por Suard que quando Diderot começava a falar, voltava-se na poltrona, depois debruçava-se sobre as suas bordas, um pouco depois levantava-se, para logo após tirar o bonet, conservando-o em uma das mãos, em quanto que com a outra gesticulava e acabava por collocar o bonnet sobre a mesa ou sobre a chaminé, tudo isso sem se aperceber e nem se interromper.

Essa verve, e esse talento oratorio, haviam causado grande impressão ao barão d'Holbach, como a todo o auditorio desse causeur sem igual.

Assim Diderot e d'Holbach, tornaram-se rapidamente intimos. Desde 1754, o philosopho, no dizer de Grimm, não passava um só dia sem jantar ou ceiar na rua Royal-Saint-Boch, onde habitava d'Holbach. Todos os domingos havia grande jantar, e as quintas-feiras reunião de todos os encyclopedistas. Era o que elles chamavam o dia da Synagoga.

Chegado o verão, d'Holbach abandonava Paris, e era então para o chateau de Grandval que o barão seguido de seus convidados transportava os seus penates.

Grandval, segundo Diderot, está situado "a duas leguas e meias de Chareton, e a mesma distancia de Gros-Bois. A aldeia (Champigny) corria a altura em forma de amphitheatro. Em cima o leito tortuoso do Marne separa um grupo de varias ilhas cobertas de salgueiros. Suas aguas se precipitam em cascatas por entre os pequenos intervallos, que as separam, os campones installam ali as suas pescarias, dando-lhe um aspecto verdadeiramente romanesco.

Saint-Maur, de um lado, no fundo Chennevières e Champigny; do outro lado, sobre o pico, o Marne e entre elle as vinhas, os bosques, e as praias.

A vivenda é delicioza para philosophar em paz; assim Diderot, apaixonava-se extremadamente por essa abbadia de Thélème, e ali passa os seus mais bellos dias, permanecendo ás vezes de seis semanas a dois mezes.

Levanta-se ás seis horas da manhã, abre as janellas, enche os pulmões do ar vivificante que lhe vem dos bosques e campos dos arredores; como bom conhecedor lança "do seu quarto quente e alegre um olhar de admiração sobre a bella payzagem que descortina".

O golpe de vista é completamente pittoresco e selvagem".

Essa primeira satisfação concedida a sua "sensibilidade" Diderot toma rapidamente (Term. ao fim do num.)

A megalomania de Jacques Clare

(FIM)

midável revolta contra as injustiças do destino, que a uns dá opulência e a outros a mais negra miséria. E, tonto pelo cheiro dos guisados, alucinado pela fome, tomou das tintas e do pincel e se pôz a pintar, desvairadamente, numa enorme tela, a figura risosa da creada, conduzindo para a sala uma bandeja em que repousava um bellissimo peru recheado.

Jacques Clarel de Courteville, naquele estado de completa exaltação mental, parecendo ter esquecido momentaneamente a sua fome de tres uas, distribuiu as tintas na tela com pinceladas vigorosas e seguras, numa perfeita combinação de tons, e imprimiu a figura sorridente da creada e a attitude imponente do peru recheado os mais impecaveis contornos e o mais expressivo colorido.

Não parou um instante enquanto não terminou o quadro. Bastou, porém, que o concluisse, para que lhe viesse uma prostração, um desfalecimento, que lhe deu, entretanto, a compensação de um longo sono restaurador.

Despertando, no dia seguinte, Jacques Clarel de Courteville mirou sua obra, e, talvez porque a fome lhe houvesse diminuído o senso artistico ou obliterado sua visão, achou-a simplesmente detestavel. Mesmo assim, era o unico trabalho com que contava para sahir-se da diffiell situação em que se encontrava e, nessa contingencia, concebeu a atrevida idéa de pôr no quadro a assignatura de Velasquez, o famoso pintor ibero, afim de vendel-o, como uma preciosidade, a um comprador de raridades artisticas meos arguto.

A assignatura de Velasquez, como a de muitos outros pintores celebres, sabia imitar com incrível mestria. Graphou-a cuidadosamente a um canto da tela. E, depois, atirou sobre o quadro um pouco de pó e pedaços de teias de aranha, para dar-lhe um ar de ancianidade.

No "Boulevard des Italiens" havia uma casa, — a do senhor Michaud, — que se dedicava ao commercio de raridades artisticas. Lá foi ter Jacques Clarel de Courteville, com a tela embrulhada no supplemento dominical de "L'humanité", um jornal reaccionario, propagandista das idéas de Lenine, que o desaventurado pintor lia fervorosamente nos momentos em que se achava completamente sem dinheiro, situação em que todos os individuos se identicam perfectamente com as theor'as bolshvistas.

O pintor apresentou o quadro ao senhor Michaud com um ar de desentendido em cousas de arte:

— Um amigo de Hespanha mandou-me "isto" para que eu vendesse, cá em Paris. Disse-me que é de um tal Velasquez, muito famoso, e foi encontrado no velho sótão de uma casa de campo de Aragão... Acaso lhe interessa?

O senhor Michaud, antes de responder, mirou e remirou o quadro, através da sua lente de grande entendedor, de perito em taes assumptos. Nos seus olhos havia o brilho de uma expressão admirativa, de um gigantesco entusiasmo. Mas recalcando sua emoção, o senhor Michaud falou com a frieza de um bom homem de negócios:



"PARA TODOS..." NA BAHIA — A "Festa das Crianças", realizada a 6 de Janeiro no "Circolo Italiano", com farta distribuição de brinquedos.



Na Praça da Matriz, em Montevideo, num passeio amistoso de Anno Bom, os Srs. Consul Mario Azevedo, major Pantaleão Telles, addido militar do Brasil no Uruguay, Dr. Homero Lobato e o nosso companheiro Oswaldo Souza e Silva.



Grupo tirado na inauguração da séde do Club Atwater Kent em 1º de Janeiro de 1930, fundado pelos auxiliares de Amaral Cesar & Cia, Ltda., em São Paulo, á Avenida São João, 85-A.

— Não é grande coisa... Mas vá lá, vá lá... Dar-lhe-ei dois mil francos pela tela...

Dois mil francos pela sua tela! Parecia-lhe um sonho, um conto de fadas. E Jacques Clarel de Courteville teve vontade de atirar-se ao senhor Michaud, de abraçá-lo, de beijar-lhe as mãos, em sinal de reconhecimento. Lembrou-se, porém, de que esse gesto poderia dar ensejo a suspeitas e conteve-se.

Embolado os dois mil francos, o pintor sahio, no mais extraordinário contentamento, a cantar e a dançar pelas ruas, dando "hurrahs" a Velasquez, até encontrar o primeiro "restaurant", onde entrou para attender ás imperiosas necessidades de seu estomago terrivelmente vazio. Ria de tudo, expandindo sua alegria com espectacularidade. Quando o "garçon" veio, Courteville deu-lhe uma amistosíssima palmada no abdomen e pediu que lhe trouxesse um perd, exactamente como aquelle que figurava na tela providencial.

No dia seguinte, surgiu em Paris uma novidade sensacional, vehiculada pelos grandes d'arios. E essa noticia estava redigida, mais ou menos, nos seguintes termos:

"Uma maravilha de arte produzida pelo genio de Velasquez.

Foi recentemente encontrada no sótão de uma velha casa de campo de Aragão, mais uma grandiosa obra prima do immortal Velasquez.

"A estalajadeira" é o titulo desse soberbo quadro, que supera em muito as demais obras do grande pintor hespanhol.

Graças aos esforços do senhor Michaud, um diligente pesquisador de raridades artisticas, teremos o ensejo de apreciar, no Museu do Louvre, a maravilhosa criação de Velasquez".

"A estalajadeira" — assim fôra christado o quadro — effectivamente foi exposta no Museu do Louvre, numa linda vitrine, adornada com a bandeira da Hespanha. Os criticos foram vel-a e, depois, disseram que ninguem podia duvidar da authenticidade daquella obra, pois a completa semelhança do traço e do colorido de "A estalajadeira" com os demais quadros de Velasquez constituia uma prova irrecusavel de que a tela fôra, de facto, trabalhada pelo grande artista hespanhol. A assignatura, além disso, era de uma verosimilhança que não deixava margem para duvidas.

Um diluvio de elogios consagrou "A estalajadeira" como uma das obras mais notaveis da arte pictorica. O já famoso quadro foi, durante varios dias, a maior sensação de Paris e ao Museu do Louvre corriam a admiral-o, diariamente, milhares e milhares de pessoas.

Jacques Clarel de Courteville estava deslumbrado, maravilhado pelo estrepitoso successo causado pela sua obra. E, ao mesmo tempo, indignado com o mesmo. Aquelle quadro, a que não dera a minima importancia, era, com effeito, uma obra prima e elle, o louco, fôra vendel-o por uma quantia miseravel, com o nome de outro!

Jacques Clarel de Courteville, bem alimentado, pensou em desfazer o em-

O Valor de uma pelle delicada.

Personagens:

Elle: Luis V. Leidade. Ella: Paz L. Gante.



Elle: Eis o que o medico me receitou.



Esta segunda scena é muda.



Sêe dahi! O teu rosto é muito aspero.



Graças a Deus! Creme Hinds!



Um pouco antes e depois de me barbear...



Elle: Paz e... Amor!

O uso diario do
Creme Hinds
— Amacia,
— branqueia,
— protege,
— limpa e
— cura a pelle.



CREME HINDS

buste. Comprehendera que havia, emfim, alcançado sua gloria de artista e que a desprezara, trahido pelos caprichos terriveis do seu estomago vazio...

Mas ainda era tempo, pensou o pintor. Ninguem lhe arrancaria sua gloria, ninguem usurparia seus louros. Declamaria a verdade. Parla inteira se curvaria a seus pés e seu nome começaria, desde então, a figurar nos mais famosos museus de arte. Seria a sua consagração, a apothose que elevaria seu nome á altura dos nomes de mestres da enfiatura do pintor da "Gloconda". Jacques Clarel de Courteville, dominado por essas idéas, dirigiu-se á casa do senhor Michaud, no "Boulevard des Italiens". O commerciante recebeu-o amavelmente, com um largo sorriso e, antes que o pintor falasse, declarou:

— Já sei que vem falar-me de "A estalajadeira"... Vendí-a por um milhão de francos ao millionario Arnold Gray, um desses americanos excentricos que compram todas as cousas caras que encontram no estrangeiro. Fia um excellente negocio e vou dar-lhe mais dois mil francos, meu caro amigo...

— Então, o senhor vendeu "A estalajadeira" por um milhão? — Inquiriu, assombrado, o pintor, como se não tivesse ouvido bem!

— Sim, — repetiu o senhor Michaud, — Fiz um excellente negocio e vou dar-lhe mais dois mil francos...

— Não quero seu dinheiro, — objectou Courteville, — O que quero é minha gloria de artista. O senhor foi victima de um embuste. Aquelle quadro não é de Velasquez. Quem o pintou fui eu, Jacques Clarel de Courteville...

O rosto afogueado do senhor Michaud contrahi-se numa vastíssima gargalhada. Ouvindo-lhe o nome, lembrara-se do pintor. Lera, num dos jornaes mais irreverentes de Paris, um artigo furibundo, censurando o jury do "Salão" por haver premiado os dois quadros de Jacques Clarel de Courteville, a quem chamava de "insensato borrabotas".

E o senhor Michaud retrucou:

— Divertido, meu caro, extraordinariamente divertido!... Então, o senhor, que fez na Academia de Bellas Artes a mais ridicula figura, quer se fazer passar por um emulo de Velasquez? Ora, deixe-me rir... Deixe-me rir...

Jacques Clarel de Courteville, indignado com o "insolente burguez", correu ás redacções dos jornaes, fazendo a sensacional revelação. Mas, no dia seguinte, com grande espanto, leu nos diarios noticias jocosas a seu respeito, "um máo pintor, immensamente pandego, que se dizia autor de "A estalajadeira", a obra prima do genio de Velasquez". Outros taxaram-n'o de deslavado cabotino, procurando escandalosamente popularisar seu obscuro nome.

Courteville andava com o cerebro a arder. Passára tanta miseria, soffrera tanto tempo as horriveis torturas da fome, para produzir sua obra prima e, agora, negavam sua arte, espesinhavam seu talento subitamente revelado, arrancavam-lhe sua gloria!

Um impeto de raiva o conduziu ao Museu do Louvre, onde "A estalajadeira" ainda permanecia em exhibição e, diante dos curiosos que admiravam

sua obra de arte, subiu a uma cadeira e fez um discurso violento, com imprecações contra a crítica, contando detalhadamente o embuste que armara ao senhor Michaud. Os espectadores dessa scena riam como se estivessem na presença de um grande comico. E um grave professor da Universidade sentenciou, gravemente:

— É uma forma curiosa de loucura... Ha individuos que se julgam autores de obras celebres... Este pintou "A estalajadeira"... Outros construíram as pyramides...

Parou, nesse momento, á porta do Louvre, o carro forte do manicômio. Dois enfermeiros, agigantados e musculosos, atiraram-se a Jacques Clarel de Courteville, subjugaram-n'o e conduziram-n'o ao hospital de loucos. O golpe fôra demasiado rude e o pintor, que entrara no carro ainda no uso da razão, ao ser internado perdera inteiramente o juízo.

Ainda vive Jacques Clarel de Courteville. É um louco pacifico e chamam-lhe o "Velasquez". Anda sempre a pintar, nos muros do manicômio, copias abominaveis, verdadeiramente caricaturas, do quadro que tanta desgraça lhe trouxe.

Quando, certa vez, fiz ao manicômio uma visita, um enfermeiro, apontando-o, disse com piedade:

— Pobre homem. Ha de morrer com essa mania... Não ha quem lhe arranque da cabeça a idéa de que é o autor de "A estalajadeira"...

R. MAGALHÃES JUNIOR.

Novembro — 1929.

O Salão d' Holbach

(FIM)

duas taças de chá, e começa a trabalhar. A sua direita está o retrato de Homero, e á sua esquerda o de Horacio.

Em face do horizonte magnifico, suas idéas jorram em turbilhões sob a penna, com impetos de sympathia pelo mundo inteiro.

As duas horas — janta-se bem e longamente, a mesa do castello é servida com mais sumptuosidade do que na cidade.

E riam-se mais ainda.

Algumas vezes diz M. Dueros, o barão, que tem a palestra indecorosa, e que na sua qualidade de incredulo fanatico, crê em tudo que lê, conta certa anecdota extraordinaria, e extraordinariamente torpe, sobre o Grande Lamas, e Mme. d'Aine, sua sogra. O narrador grita e pragueja em termos com vezes mais galhofeiros que o conto. Outras vezes o pequeno d'Holbach, digno filho do barão, põe-se a "dopennar o braço" de sua vizinha de mesa "todo o mundo estoura de rir, diz Diderot, quanto a mim as lagrimas me caem dos olhos e parece que vou morrer".

Terminado o jantar, para facilitar uma digestão laboriosa, afastam-se para o campo, ao longo do Marne; "triste e tortuoso compatriota", que se segue a pé até Champigny, ou então se o tempo está incerto ficam no jardim.

Diderot pára e olha os jardineiros traçar os canteiros, e plantar os buxos.



Vendo-os fazer o serviço muitas vezes conversava com elles; "gosto de falar aos aldeões, dizia, aprendo sempre alguma coisa".

De facto, elles lhe ensinaram "expressões rusticas" e eis ahí novas palavras para a Encyclopedia.

Indaga sobre a vida das plantas, os costumes dos animaes, observa umas tantas particularidades até então ignoradas por todos.

LEIAM

Espelho de Loja

de

ALBA DE MELLO

nas livrarias

Assim é que Sa'nt Lambert, conheceu muito bem a chuva de Maio, mas quantos effeitos interessantes ignorou ou omitiu por causa dessa falha de instrução de que tanto se resentem os seus poemas. — "agora que a fema dos passaros se apressa em estender suas azas sobre os ovos, agora que o macho vae agarrar o insecto refugiado sob as azas dos arbustos..."

Diderot compara, perscruta e regista todas essas observações, que são

outros tantos argumentos para suas discussões futuras, outras tantas bases para suas theorias de amanhã.

"Ao pôr do sol, a frescura da tarde nos appproxima do castello, onde chegamos antes das sete. As senhoras mudam de roupa. Ha luz e cartas sobre a mesa". Começa o jantar.

A conversação continúa em uma partida de jogo de cent. As onze horas todos dormem.

Quando se está no castello em pequena sociedade, Mme. d'Holbach gasta os olhos bordando, Mme. d'Aine faz a digestão accommodada entre duas almofadas, o pae Hoop, com os olhos semi-fechados, a cabeça cahida entre as espaldas, as mãos collocadas sobre os joelhos, sonha com o fim do mundo, o barão d'Holbach, lê envolto em um robe de chambre, eu passeio a passos largos, machinamente. Vou á janella ver o tempo que faz, parece que o céu se desfaz em agua e me desespero".

No mez de Outubro "um murmurio surdo resôa pelos corredores do castello, é o vento. Diderot escuta-o gritar muito a vontade, dentro do seu quarto bem aquecido: — "Gosto desses ventos violentos, dessa chuva que bate nas gotteiras durante a noite, dessa tempestade que agita com fragor as arvores que nos rodeiam desse baixo continuo que brame e ronca ao redor de mim, durmo mais profundamente, acho os meus travesseiros mais fôfos, afunda-me mais no leito e enrolo-me como um "peloton", e comparo intimamente a minha felicidade com a triste situação daquelles a quem falta a morada, o tecto, e todo asylo, que vagueiam pela noite, expostos a todas as inclemencias do céu, e que talvez valham mais do que eu, a quem a sorte tanto distinguu, e gozo com essa preferencia.

Volupia de ser feliz, e de ter a consciencia de sua felicidade.

Quem a sente mais do que Diderot, nesse momento de sua vida, nesse magnifico castello, em companhia dos hospedes mais amaveis, entre as suas occupaões mais caras, chelo de trabalho, de felicidade, e de sonhos!...

Delicioso em Paris, o salão d'Holbach não era menos no campo, e o autor de Jacques, o Fatalista, viu ali passar ás horas mais felizes de sua vida.

De facto nada mais se fazia no salão d'Holbach que discutir philosophia.

Pessoa alguma na sociedade do barão, era inimiga do gracejo, Diderot, o primeiro, adorava o espirito, e tinha até alguma tendencia para a mystificação, e de boa vontade sempre que se apresentava occasião zombava dos imbecis e importunos.

Frivolo amor

(FIM)

o amor terminara, era justo romperem, não tendo assim os maldizentes ensejo de se regozijarem com o proseguimento da comedia.

A's apalpadelas — que já era crepusculo — appproximou-se do "abat-jour" e deu luz á lampada. A sala illuminou-se toda duma claridade suave, nuanceada de lilaz, e o silen-

Para unhas lindas
Esmalte "Gaby"



CALLOS

Os emplastos Zino-pads do Dr. Scholl alliviam rapidamente a dor dos Callos, Callosidades ou Joanetes. São impet-meaveis mesmo no banho.



CALLOSIDADES

Feitos em 3 tamanhos. Caixa 3 \$ 500. Peça amostra e livrinho sobre os pés a Cia. Dr. Scholl S. A. Rua Ouvidor 162, Rio.



JOANETES

Zino-pads do Dr. Scholl

elo, nessa meia-luz quebrada, no aposento solitário, fez-se mais impressionante.

No íntimo de Bettina, enquanto a sua mão escrevia as palavras que deviam deodir-lhe da vida, duas vezes se erguiam, confundindo-se e aconselhando-a diversamente.

A do sentimento já começava a insinuar que ella talvez se preclitasse em romper assim, sem esperar uma explicação, uma mudança de attitude siquer, da parte delle...

Porém, vibraram, mais fortes, os impulsos do orgulho, e a carta continuou.

As phrases ironicas, que fingiam serenidade e occultavam a dor de um sentimento ferido, foram-se alinhando sobre o papel roxo, e a letra esforçava-se em vão por não parecer tremula.

Terminava. Um instante apenas, para collocar a missiva no envelope aristocratico, e para chamar a creada, afim de a levar ao seu destino.

Depois... a pobre creança, estremeida de tristeza, acereou-se a uma janella e ficou a olhar, como nem comprehender, a rua borborinhante, nesse fim de dia.

Por que essa agitação... em busca de que? Luta pela vida, sómente? Que procuraria a humanidade em tal continuo afan de inquietudes e esforços? Dinheiro? Gloria? Amor? Ventura?

Si tudo decepciona!

Ella, por exemplo, não podia ser comprehendida.

Era uma sentimental; os homens não gostam disso...

E, aprofundando-se cada vez mais no pensamento que a torturava, foram-se-lhe formando as primeiras lagrimas

ao canto dos olhos, para depois sulcarem-lhe as faces de jambo cor-de-rosa...

Lá fóra, era a musica desharmoniosa das grandes cidades.

O apogeu do barulho. Uma victrola roufenha poz-se a massacrar pela centesima vez um endemoniado "charleston". O symbolo da época... Vasia, frivola, ôca, sem valor.

O amor, frivolo tambem, sem paixão, sem intensidade...

Emquanto estridulavam as buzinas sem cessar, e as descargas dos autos atroavam, ensurdecadoras, o ar saturado de calor e ruido, ella seguia chorando, não por elle, mas pela sua illusão desmoronada, no entardecer bulhento de cidade.

Quizera ter o luxo de possuir sonhos e sentimentalismos, em semelhante vida, miseravelmente real e sem ideaes, tão differente da que entrevira, atravez dos seus livros, queridos, mas enganadores.

E os soluços do desespero suffocavam-na, enquanto murmurava, baixinho com desencanto e saudade:

— Ah, vida! Tudo o que esperei de bom e bello e que não me veio!

— Felicidade, felicidade, o teu sorriso ardente que me doirava os dias, felicidade, oh, o teu sorriso quente, o teu sorriso lindo!

As ultimas rosas murchavam nas jarras, e, quando adormeceu, fatigada de chorar, a noite já envolvera no seu negro sendal, estrellado e luminoso, a cidade toda, a grande cidade-inferno que embalava sua pena com a musica dissonante dos seus mil e um rumores, das suas innumeraveis e incontaveis falsidades.

HELENA DE IRAJA

AURELIO PINHEIRO

A tia Francisca

(FIM)

desgostos e atropelos. Nessa propria carta enviava um cheque que ella deveria receber e guardar... guardar, como elle determinára, — "no cofre que fóra a sua arma de vingança"!

Ramiro terminava a leitura estupefacto, e bramia amarrotando as folhas de papel:

— Ladra! Ladra! Tu me pagarás!

Ricardo ficara pensativo, impressionado, como se o atordoasse terrível problema. Depois chamou o irmão, penetrou no quarto da tia, retirou do guarda-roupa uma grossa bengala de ferro. Mirou-a, apalpou-a, ansiado. Afinal segurou-a, torceu-a com força. A bengala cedia, desparafusava-se. Elle explicava, triumphante:

— Esta foi a arma com que papae matou o homem que o deshonrou. A arma-da vingança — o cofre!

E realmente, de dentro da bengala ôca sahiam rôlos de notas, grandes notas que se espalhavam no soalho do aposento! Ricardo enrolou de novo o dinheiro, meteu-o no cano de ferro. Depois, — ambos preparados para a fuga, — deixou um simples bilhete na mesa do jantar, communicando a tia Francisca que seguiriam nessa mesma noite para São Paulo; e levavam apenas, como lembrança do pae desterrado — a bengala de ferro!

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez de gravidez terá um parto rapido e feliz.



Innumeros attestados provam exuberantemente sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as farmacias e drogarias.

Deposito geral:

ARAUJO FREITAS & CIA.
RIO DE JANEIRO

O SEGREDO DE UMA CUTIS
PERFEITA

As "estrelas" de cinema não obstruem os póros de sua pelle com cremes para o rosto e outros pretendidos "alimentos" para a cutis. Ellas sabem muito bem que não ha substancia alguma que tenha o poder de vivificar uma pelle morta. O que ellas fazem é desquitar-se da pelle velha. Para obter-o basta applicar-se ao rosto Cera Mercolized, fazendo isto a noite, antes de deitar-se, e retirando a cera pela manhã. Desta forma, a tez gasta se elimina gradualmente, dando lugar á appareição da nova cutis que toda mulher possui debaixo da cuticula exterior. Procure hoje mesmo Cera Mercolized na pharmacia e comece a recuar a sua formosa cutis juvenil e louça.

OS CRAVOS DEIXAM O CAMPO

Um remedio de effeitos francamente instantaneos contra os horribes pontos negros, a graxa e os amplos póros gordurosos do rosto, foi descoberto recentemente, e na actualidade, é empregado no "boudoir" de toda dama intelligente. É um remedio muito simples e tão agradável como inoffensivo. Ponha-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, substancia que é facil adquirir em todas as pharmacias. Assim que tenha desaparecido a effervescencia produzida pela dissolução do stymol, lave-se o rosto com o liquido obtido, empregando uma esponja ou um panho macio. Enxugue-se o rosto e ver-se-á que os pontos do pygmento negro abandonaram seu ninho para morrer na toalha e que os largos póros gordurosos desapareceram, borrando-se como por encanto, deixando o rosto com uma cutis lisa e suave e de uma admiravel frescura. Este tratamento tão simples deve ser repetido umas quantas vezes, com intervallos de quatro a cinco dias, com o fim de lograr resultados de caracter definitivo.

IDYLLIO

Linda flôr, debruçada no regato
comea banho, esbarrando na agua inquieta.
Um passarinho, ao lado, canta; e o matto
applaudo-o ramalhando. Onse supõe
que o leviano passarinho é poeta,
e está dizendo um madrigal á flôr.

Thophilo Barbosa

NEO-NECATORINA



"Vermicida ideal!"

(PALAVRAS DO GRANDE HYGIENISTA DR. BELISARIO PENNA:)

"A efficacia da NEO-NECATORINA sobre o Necator (verme causador da Opilação ou Amarellão) é fulminante. Não trepido em afirmar ser a NEO-NECATORINA um vermicida ideal, cuja maxima divulgação constitue um dever de patriotismo e de humanidade."

NEO-NECATORINA

Vermifugo poderoso acondicionado em capsulas roseas contendo tetrachloreto de carbono em soluto solido e optima-mente tolerado pelo organismo humano.

DEPOSITARIOS PARA O BRASIL: DAUDT, OLIVEIRA & CIA.

FABRICANTES: COMP. MERCK BRASIL

USEM
LUGOLINA

E
SALSA, CAROBA E MANACA
DE HOLLANDA
PREPARADO PELO
DR. EDUARDO FRANÇA
OS DOIS JUNTOS REPRESENTAM
O IDEAL DO TRATAMENTO
PREÇO
4\$000

DIGA COMNOSCO



DR. Eduardo França
O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA
PELLE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
LABORATORIO E FABRICA

AVENIDA MEM DE SA, 72 A 76 PHONE. CENTRAL 2827

DEPOSITARIOS
DA
LUGOLINA
E **SALSA**
ARAÚJO FREITAS & C.
R. DOS OURIVES
88 E 90
RIO DE JANEIRO

Srs. Contadores

Convém acompanhar os progressos de sua profissão, para que se não deixem vencer:

"EVOLUÇÃO DA ESCRIPTA MERCANTIL"

6

um novo livro para os Srs. Contadores e Guarda-livros com idéas modernísimas, na prática apoiadas por nomes como:

Carvalho de Mendonça

Spencer Vampré

Monteiro de Sales

Renato Maia

Prudente de Moraes Filho

Miranda Valverde

e tantas outras sumidades jurídicas.

A' venda: PIMENTA DE MELLO & CIA.

Trav. Ouvidor, 34

LIVRARIA ALVES

Ouvidor, 166

CASA PRATT

Ouvidor, 125

ONDULAÇÃO PERMANENTE

ULTIMO PROCESSO

PREÇOS DIVERSOS

A única garantida por
oito meses

Tinturas e ondulações
em geral



Córtex de cabelo recentemente chegados de Paris, e executados pelo CABELLEIREIRO BOTELHO

SALÃO BOTAFOGO, rua S. Clemente nº. 36.

Telephone: Sul 1504



QUANDO O ESPELHO
ACCUSAR

MANCHAS,
PANNOS,
SARDAS,
ESPINHAS

OU OUTRAS AFFEC-
ÇÕES NA PELLE
DEVEIS USAR

LEITE DE COLONIA

Nas Pharmacias, Perfumarias
e Drogarias

Sopas mais substanciaes e saudaveis



AS sopas engrossadas com Quaker Oats são mais cremosas, mais finas e muito mais saudaveis.

Quaker Oats acrescenta os elementos nutritivos mais necessários para o corpo—proteína, carbohydrates, gordura, minerais, vitaminas e substancias fibrosas. Além de augmentar o sabor agradável das sopas, Quaker Oats estimula a digestão.

Os peritos dieteticos em toda a parte recommendam que se coma Quaker Oats sob qualquer forma todos os dias. Desenvolve o crescimento das crianças, sustenta o adulto activo e fortifica os convalescentes e os velhos. É um alimento muito economico, tambem!



Quaker Oats

M e i a s

CASA STEPHAN



Só na da
CASA
STEPHAN
nos preços, qua-
lidade e varie-
dade. Só vende-
mos Meias per-
feitas e garan-
tidas. — Rua
Uruguayana, 12.

Para o interior, os mesmos preços
da capital.

Dr. Adelmar Tavares

ADVOGADO

RUA DA QUITANDA, 59

2º ANDAR

Leitura para todos

Um magazine mensal que publica
um pouco de tudo e que, portan-
to, a todos interessa, sendo o prefe-
rido dos viajantes pelas suas lindas
novellas.

Dr. Alexandrino Agra

CIRURGIÃO DENTISTA

Participa aos seus amigos e clien-
tes que reabriu o seu consultorio.

RUA S. JOSE', 84 — 3º andar
Telephone 2-1838

Augmente os seus conhecimentos
NO

Preço no Rio
4\$000

Novo Anno!

Preço no Interior
4\$500

Almanach do "O Malho"

PARA 1930

é, sem exaggero, uma verdadeira

Pequena Bibliotheca num Só Volume

As suas edições foram rapidamente esgotadas nos
4 ultimos annos, porque, sendo o mais antigo
anuario do Brasil, conhece bem o ALMANACH
DO "O MALHO" as preferencias dos leitores.

Um pouco de tudo -- Um pouco de toda parte

Um pouco que a todos interessa

Faça immediatamente o pedido do seu exemplar,
enviando 4\$500 em vale postal, carta registrada
com valor declarado, cheque, ou em sellos do
correio, para a

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA?



A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA, Apro-
veite-a sem demora e conguirá FORTUNA e FELICI-
DADE. Gulando-me pela data do nascimento de cada
pessoa descobrirei o modo seguro que, com minhas expe-
riencias, todos podem ganhar na loteria, sem perder
uma só vez. Milhares de attestados provam as minhas
palavras. Mande seu endereço e 400 réis em sellos
para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA".
Remetta este aviso — Endereço Sr. Prof. P. Tong.
Cale, Pozos 1369, Buenos Aires — Republica Argen-
tina. — Cite esta Revista.

A JUVENTUDE ALEXANDRE é o ideal dos tonicos para os cabellos; com seu emprego, não ha cabellos
brancos, a belleza primitiva volta como por encanto. Pôde ser comprada em qualquer pharmacia ou dragaria pelo
preço de 4\$000 e pelo Correio 6\$400. Depositarios: CASA ALEXANDRE — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado inúmeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permitido para resposta.



MORENINHA CARIOCA (Rio) — Como vê, é logo a primeira a quem attendo, embora me recorde de já lhe haver escripto qualquer coisa. Sua letra não mudou; continúa o mesmo espirito activo, irrequieto, fantasista, movimentado, embora bondoso, indulgente, cheio de doçura e affectivo. Sua fantasia a faz exaggerar um pouco a verdade, "acrescentando dois e mais pontos de um simples conto" e fazendo, ás vezes, "de um argueiro um cavalheiro"...

O traço com que firma sua assignatura é bem marcante da sua personalidade distincta, inconfundível.

E' reservada e fria, ás vezes, egoísta; com certeza é ciumenta...

Está satisfeita agora? Escreva.

PAULITTA (São Paulo) — Os estudos graphologicos não podem ser publicados na semana seguinte áquella em que são recebidas as consultas porque o "Para todos..." é feito com muita antecedência e ha muitos consulentes a attender, não havendo espaço para estender a secção por paginas e paginas. Sua letra denota imaginação viva, generosidade, orgulho, uma certa aggressividade, mesmo. Entretanto, não é má. Tem espirito critico e bom coração. E' energética, cheia de força de vontade e... impaciencia. Quanto ao horoscopo dos nascidos a 22 de Julho dizem os livros que é este: "Gostam de criticar os outros e se zangam quando alguem lhes aponta suas faltas. São muito intelligentes e de coração magnânimo, além de habilidosos. Apreciam os elogios, as lisonjas, assim como serem notados. Amigos do luxo e do bem estar. São optimos chefes de familia". Os que nascem a 19 de Setembro "são reservados, não gostando de exteriorisar suas idéas e guardando bem seus segredos e os dos outros. Amáveis, delicados, affectivos, têm especial vocação para a musica e são felizes nas empresas em que se mettem. Descobriram o "elixir da eterna juventude", parecendo sempre muito mais moços do que são e mor-

CIRCO

o livro mais novo de

ALVARO MOREYRA

Edição Pimenta de Mello & Cia.

Em todas as livrarias

Contos, historias, lições uteis, paginas de armar, eis tudo o que contém o magnifico ALMANACH d' O TICO-TICO para 1930.

Um excellent presente de festas.

Novidade

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGGESTÕES

PARA FUTURAS MÃES

(Premio Mme. Durocher, da Academia Nacional de Medicina)

Do Prof.

DR. ARNALDO DE MORAES

Preço: 10\$000

Livraria Pimenta de Mello & Cia.

Rua Sachet, 34 — Rio

S. A. "O MALHO"

S. PAULO

Para assignaturas, annuncios ou qualquer outro assumpto, procure nossa succursal:

Rua Senador Feijó, 27

8º ANDAR — SALAS 86 e 87

ONDE SERA' ATTENDIDO COM A MAIOR SOLICITUDE

As nossas revistas, lidas desde os grandes centros aos logarejos mais remotos do Brasil, actuam em todas as classes sociaes.

Telephone: 2-1691

rendo velhos. Muito felizes no matrimonio devem casar com pessoas de temperamento alegre. Seu defeito principal é a tendencia que têm para o jogo de cartas". Então, senhora dona Paulitta, que eu vejo pequenina, morena e gorducha, — aluda seu maninho? Responda.

ZUZU' (Bebedouro) — Escripita movimentada, rapida de joven activa, entusasta, um tanto precipitada, intelligente e culta. Ha tambem emotividade, agitação, mobilidade constante. E' tambem teimosa e o modo de fazer o til indica que pouca importancia liga ao juizo que façam de si, desde que esteja bem com a sua consciencia.

ANCIOSA (Bebedouro) — Pela sua letra está se vendo que é impaciente, nervosa, cheia de emotividade e agitação. Ha tambem actividade psychica, poder de logica e facilidade de assimilação. Um tanto reservada, ninguém lhe arranca uma palavra quando "resolve não falar". Grato lhe fico pelos votos de felicidade que retribuo de coração.

MELISSINDE (Rio) — Ficou contente com a resposta que lhe dei? Ainda bem. Ser reservada é do seu intimo, não impedindo que seja "enfelicitavel". Faz muito bem em ter "immensa fé no futuro" e procurar construir sua propria felicidade. Grato pelos votos de ventura que retribuo cordialmente. Escreva.

DULCE DE OLIVEIRA (?) — Bem se vê que é de Franca pela franqueza das suas attitudes. No momento de escrever estava preocupada com qualquer assumpto grave ou interessante, ha um pouco de tristeza, de melancolia. Sabe guardar segredos seus e os que lhe confiam. E' amavel, intelligente, graciosa e com um pouquinho de espirito de vingança, difficilmente esquecendo offensas, mesmo quando as perdão... Desta vez não "foi por agua abaixo" seu estudo graphologico, não é assim?

ARNOLDA (Rio) — Grato pela gentileza dos votos que faz pela minha felicidade no anno corrente. O mesmo lhe desejo: seja muito venturosa. Vê-se, na sua letra de grandes caracteres, imaginação ardente, viva, creadora, fantasia, generosidade, quasi prodigalidade, orgulho. E' caprichosa e vaidosa, como em geral as lindas filhas de Eva. Nas discussões gosta de ficar com a ultima palavra, mesmo depois de convencida de que não tem razão.

O horoscopo das pessoas nascidas a 26 de Outubro é este: "São cheias de entusiasmo, activas, emprehendedoras, nada as fazendo desanimar. Muito volúveis, não têm duração suas amizades, por mais verdadeiras que pareçam. Por serem assim inconstantes provocam ciúmes e fazem soffrer aquelles que os estimam".

GRAPHOLOGO.



CINEARTE

Todas ás quartas-feiras as mais palpitantes novidades cinematographicas.



PARA TODOS...

O Mais Bello Livro das Creanças

O LIVRO DE
CONTOS DOS
RICOS; O LIVRO
DE CONTOS
DOS POBRES

ALMANACH DO "O TICO TICO"

PARA 1930

Contos, novellas, historias illustradas, sciencia elementar, historia e brinquedos de armar, e Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamim, Jujuba, Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco e Faustina, tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.



Se não existe jornaleiro em sua terra, envie 5\$500 em carta registrada, cheque, vale postal, ou em sellos do correio á Soc. An. O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21, Rio, que será remettido ao seu filhinho um exemplar desta primorosa publicação infantil.

A' venda em todos os jornaleiros do Brasil



VENHA!

Com a sua visita ficaremos sempre satisfeitos.
Se nos comprar terá adquirido productos superiores, se não nos comprar ter-lhe-hemos proporcionado a oportunidade de verificar que a suprema combinação dos nossos MOBILIARIOS DE ARTE, TAPEÇARIAS FINAS e DECORAÇÕES MODERNAS não será encontrada n'outra parte.

ASA UNES
MARCA REGISTRADA

PREMIADA HORS CONCOURS NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922
65 — Rua da Carioca, 67 — Rio